

NATAL DE 1925



ALMA NOVA

REVISTA PORTUGUESA

EDITORIA: LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^a—186, R. AUREA, 188—LISBOA

EM MARÇO «ILUSTRAÇÃO LATINA»

“ ALMA NOVA ”

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL,
LATINISMO E INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

Redacção e Administração

186, RUA AUREA, 188
LISBOA

TELEFONES: { N. 5396
 C. 3936

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

Continente e Ilhas, Trim. (3 n.º) 7\$50, Sem. (6 n.º) 15\$00, Ano (12 n.º) 30\$00	
Colónias e Espanha.	17\$00, » 33\$00
Brasil! (réis brasileiros)	8\$000, » 15\$000
Outros países	» 50 Frs.

Número avulso 2\$50

Representantes e Agentes

EM TODO O CONTINENTE,
ILHAS, COLÓNIAS E BRASIL
E PRINCIPAIS
CIDADES DE ESPANHA,
FRANÇA, AMÉRICA
DO NORTE, ETC.

EXPEDIENTE

A «Alma Nova», concluindo com este número o seu 3.º volume da presente série, e completando assim todas as assinaturas tomadas para o corrente ano, confia no próximo o seu programa, amigos, colaboradores e assinantes, à nova publicação que em Março começará, sob o título de «Ilustração Latina». Nela esperamos continuar a merecer, com dupla razão, o apoio e a simpatia de todos aqueles que até hoje nos têm tão dedicadamente acompanhado. Para ficar garantida a propriedade do título, sairá semestralmente um número da «Alma Nova», de distribuição gratuita por todos os seus actuais assinantes que o continuarem na «Ilustração Latina», e por todos aqueles que fizerem a sua assinatura na referida «Ilustração» por intermédio da

EMPRESA COOPERATIVA «RESSURGIMENTO», — CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8, 1.º — LISBOA

SUMÁRIO

III.ª SERIE—N.º 33 (35 E 36)—DEZEMBRO DE 1925

CAPA : Alegoria do Natal (desenho)	Roberto Nobre
OS NOSSOS GRANDES ESTABELECIMENTOS DE CREDITO : O Banco do Minho INICIATIVAS PORTUGUESAS NO BRASIL : A «Casa de Portugal», no Rio	Redacção
D. Pedro II, Imperador do Brasil (desenho)	»
D. Pedro II	A. Dias Branco
CRÓNICA (com I ilustração de R. Nobre)	Alcantara Carreira
O Chiado na vespera do Natal (com I ilustração de Martins Barata)	Mateus Moreno
O Trêvo da Judeia (Lenda portuguesa), com retrato	José Guerreiro Murta
O Natal dramático (Versos), com I ilustração de R. Nobre	D. Emilia de Sousa Costa
SALA DE VISITAS : M.me Bettencourt Rodrigues (Lisboa) ; M.elle Maria Cremilda R. Guerreiro Correia (Olhão-Algarve)	Alcantara Carreira
EM DEFESA DAS COLONIAS	Redacção
Timor, colónia de tradições e de riquezas (Conferencia)	»
OS PORTUGUESES NO BRASIL : Ex.º Sr. Garcia da Silva (Foto)	Major Leite de Magalhães
GRANDES DE PORTUGAL : Gama Barros	Redacção
CAMILO E A ARTE : A Bruxa do Monte Córdova (desenho) separata	Luis Saavedra Machado
A Lareira e o Natal (com retrato)	J. Saavedra Machado
Para q ue se jais «Homens» (com a escultura «A História», de Teixeira Lopes)	Ferreira de Castro
O Natal de Angela (com retrato)	A. Reis Machado
PAGINA DO ALGARVE : Sagres, — altar da Pátria	Geny
Sagres,—o monumento ao Infante	Rui Chianca
NOTAS DO MÊS : Saavedra Machado, Madrinhas, etc.	Mateus Moreno
A Engenharia nas Colónias (Conferencia)	Redacção
OS NOSSOS COLABORADORES : Dr. Fidelino de Figueiredo, Dr. Luis A. Guerreiro e Dr. Leite de Vasconcelos (com retratos)	Visconde de Almeida Garrett
OS NOSSOS POETAS : No Escorial (soneto)	Redacção
Notas subsidiárias para uma bibliografia portuguesa da Grande Guerra	Antonio Ferreira Monteiro
VIDA ARTISTICA : Exposições	Capitão José Brandão
TEATRO : As primeiras representações e a crítica. Peças, etc.	J. Saavedra Machado
VIDA DESPORTIVA : As Corridas de Cavalos no Campo Grande	M. M.
Vária—Noticlário—Publicidade, etc.	Monteiro da Costa

“ ILUSTRAÇÃO LATINA ”

PUBLICAÇÃO MENSAL EM PORTUGUÊS, INGLÊS, FRANCÊS,
ITALIANO E ESPANHOL, SOB A ACTUAL DIRECÇÃO LITERÁRIA,
ARTÍSTICA E ADMINISTRATIVA DA «ALMA NOVA»

ERA nossa intenção fazer sair em Janeiro próximo o primeiro número da «Ilustração Latina»; para isso estava pronto esse número e tudo quanto diz respeito à nossa organização em Lisboa. Contava-mos que o mesmo acontecesse nas províncias e colónias, assim como no estrangeiro; em grande parte, assim sucede, mas não no total, havendo até capitais estrangeiras que reclamam a visita dum dos nossos directores, por não ter sido possível, por correspondência, montar ali os nossos serviços como desejamos.

Mas porque se trata duma publicação de vastos e profundos intuitos de acção nacional e internacional, não será um adiamento de curto praso no aparecimento da «Ilustração Latina», que prejudicará os seus fins; preferimos lançá-la com todos os elementos perfeitamente organizados no estrangeiro, nas nossas províncias e colónias, como o estão em Lisboa.

POR ISSO E PARA ISSO, SAIRÁ EM MARÇO PRÓXIMO
O 1.º NUMERO DA «ILUSTRAÇÃO LATINA»

Esperamos também que nessa data já a Nação esteja completamente livre e limpa da onda de lama que ultimamente tentou conspurcá-la e da onda de banditismo que paralelamente a tentou apunhalar.

Será então bem a hora de patentear os nossos valores e possibilidades, que os temos e admiráveis!

□
Director Literário:
Alcântara Carreira
Director Artístico:
Saavedra Machado
□

ALMA
NOVA
REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

□
Director Literário
Mateus Moreno
Director Gerente
José Afra
□

Secretários { M. Gomes dos Santos
Rebello de Bettencourt

LISBOA — DEZEMBRO DE 1925

Editora { Liv.^ª J. Rodrigues & C.^ª
186 — Rua Aurea — 188



D. PEDRO II

IMPERADOR DO BRASIL

O Brasil acaba de celebrar o centenário do nascimento do seu último Imperador, num preito de justiça, de admiração e gratidão pelo que é hoje universalmente considerado o Primeiro dos Brasileiros

(Ver artigo no verso)

D. PEDRO II

IMPERADOR!

Ninguém o foi menos e ninguém o foi mais!
Ninguém foi menos imperador que o bondoso
D. Pedro II, durante tão largos anos chefe dum
grande país em formação!

Império! Imperador! A estes termos liga-se naturalmente uma ideia de governo autocrata; e ninguém foi mais democrata, na sua maneira de governar o grande Brasil, que êsse Imperador — cidadão que se chamou D. Pedro d'Alcantara.

Mas se com a palavra Imperador pretendermos designar uma individualidade que pelas suas virtudes, pela grandeza do seu caracter, pela beleza do seu coração, pela pureza das suas intenções, pelos extremos do seu patriotismo, — ninguém foi mais Imperador que D. Pedro II!

A monarquia no Brasil, sob a forma de império, nessa vastíssima e exuberante quinta parte do globo terrestre, era aos olhos do Mundo e de grande parte dos próprios brasileiros, um anacronismo impossível de permanecer em meio das restantes nações que compõem a América do Norte e a América do Sul, já todas então sob o regimen de repúblicas presidencialistas.

E apesar dum longo reinado em que o amor por a sua Pátria, a sua honestidade pessoal e governativa, a cultura do seu espirito, todas as altas virtudes que ornavam D. Pedro d'Alcantara, o terem imposto ao respeito universal; apesar de, jogando a sua corôa d'imperador, ter dado ao Brasil, (fazendo-o, para mais, decretar pela herdeira do trono, para que esta colhesse os fructos simpáticos) — a emancipação dos escravos, a ânsia de progresso e civilização, latejante nas almas sedentas de liberdade, levou êsse grande país — pela vóz ardente dos seus tribunos, pelas espadas dos seus generais, — a deporem o grande Imperador-cidadão, a bani-lo, e á sua familia, do solo nacional!

Foi, então que D. Pedro II, tão pouco imperador pela democracia do seu humanitário e patriótico pensar e agir, pela própria simplicidade do seu viver, onde as ostentações reais eram reduzidas ao mínimo, tudo sendo dum cidadão, e nada sendo dum autocrata, passou a ser um Imperador, na mais lídima acepção de nobreza, e um patriota, na máxima e mais pura das expressões.

Exilado, banido, recuzou em absoluto a pensão de cinco mil contos anuais que a República Brasileira votára para lhe serem entregues.

Banido, exilado, impoz aos seus partidários que acatassem a forma de governo que o Brasil acabava de escolher e implantar.

E exilado e banido, e paupérrimo, e decrépito, recolheu-se a Portugal, escolheu uns modestos aposentos no Grande Hotel do Porto, onde com a santa e doce velhinha, sua amada companheira de tão longos anos de variada fortuna, a Imperatriz do Brasil — que o Brasil chorou, até se definhar, se desfazer em lágrimas — aguardou com estoica serenidade a morte redentora!

Na sua frente o cálix da amargura parecia inexgotável, apesar dos grandes goles que obrigadamente dêle tomava todos os dias, com sobrehumana coragem!

Mas se o velho roble de tão profundas, embora vetustas raizes, cristãmente resistia, a mimosa planta de ternura e de paixão que ao seu tronco enlaçara, definhava dia a dia, até que de saudade se finou!

Então o grande Imperador, agora Imperador-cidadão-e Mártir, sentiu que não havia estoicismo possível, na infinita desolação da sua dôr; e cedendo aos rogos

dos poucos, dedicados servidores e amigos que o cercavam, abalou dos aposentos modestos do modesto hotel, viuvos como êle da santa e doce Imperatriz.

O cálix da amargura continuava inesvasiável.

E foi na França, mais longe ainda do Brasil, longe de Portugal, sua segunda Pátria, que êle amava também tanto que os «Lusiadas» foram seu companheiro até ao último minuto, no próprio exemplar que pertencera a Camões; e foi em Paris, noutra hotel, que D. Pedro d'Alcantara tragou as últimas gôtas de fel do imensíssimo cálix, ao despedir-se da vida, exilado, banido, nem sequer tendo um recanto de paisagem do Brasil ou de Portugal, para fitar ao morrer.

Apenas, porque, providentemente mandára vir de Petropolis — a linda cidade serrana dos arredores do Rio — uma porção de terra, poudo, fazendo encher com ela um travesseiro e neste recostando a fronte, ao sentir que a morte vinha, ter a ilusão que expirava na terra amada do Brasil.

Os seus restos mortais e os da santa companheira, vieram para o Panteon Real de S. Vicente e passaram a ser alvo de constantes romarias de piedade e de respeito.

Entretanto o Brasil, sacudido de Norte a Sul pelo embate da nova forma de governo, contra os pereclitantes alicerces da antiga, firmando a sua nova constituição, enveredava pelos progressos e civilização sonhados e prégados pelos seus revolucionários tribunos da propaganda republicana.

Logo, porém, que os problemas que a República Brasileira encontrou diante de si, foram tendo solução, e o regimen se consolidou, a consciencia nacional despertou para a apoteose á memoria do cidadão-imperador que se finára no exílio e que passou a ser proclamado pelos próprios republicanos o maior dos brasileiros!

Daí o ter mandado buscar há anos por um navio de guerra, os restos mortais do imperador e da imperatriz, para os guardar com amor, com respeito e, quiçá, com remorso, no sólo nacional.

E daí o ter resolvido prestar-lhes as maiores homenagens, a 2 do corrente, data do centenário do nascimento dêsse grande brasileiro — imperador e cidadão — levando os extremos do seu culto a convidar os herdeiros directos do D. Pedro d'Alcantara a assistirem a essas homenagens.

Se o Brasil precisasse de se redimir de não ter sofredado a sua ânsia de implantação da república, por curtos anos, aguardando que serenamente e na sua Pátria, se finasse D. Pedro II, — êste gesto nobilíssimo de respeito, de gratidão, de devida justiça — reabilitá-lo-ia.

Mas esta resolução da República Brasileira, de homenagear, no dia em que passou o centenário do seu nascimento, o grande Imperador, não representa sómente que ela interpreta inteiramente o sentir da consciencia nacional brasileira, representa também que nêsse belo país os governos republicanos, em lances como estes, consubstanciam a opinião nacional e nenhum receio teem, antes o mais sincero e afincado desejo, de pôr no mais alto relêvo a figura imortal do Imperador.

A êsse sentir tão dignificante da Nação Brasileira e dos seus altos poderes republicanos, profundamente, sentidissimamente, nos associamos, com o mais alto respeito, dobrando o joelho diante da augusta memoria do grande Imperador-cidadão D. Pedro II e dessa êxcelsa figura de dedicação e de bondade — a Imperatriz — que no exílio se finou desfeita em lágrimas e resando:

«Meu lindíssimo Brasil, que te não vejo mais!»

OS NOSSOS GRANDES ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO

O BANCO DO MINHO



O edifício da sede do Banco do Minho, em Braga

ÉSTE importante estabelecimento bancário, fundado em 1864, em Braga, onde tem a sua sede, honra não sómente a antiga e laboriosa terra que lhe foi berço e a linda, ridente provincia de que tomou o nome, mas todo o Portugal, onde, assim como no estrangeiro, tem os seus créditos largamente firmados, mercê da austera e honrada administração que lhe tem imprimido às sucessivas direcções, formadas por alguns dos nossos mais considerados homens de finanças.

O edificio da sua sede, em Braga, é um dos que mais embelezam a bela capital do Minho; o de Lisboa, há pouco concluido, é um esplêndido prédio, modernizando a pomalinalina Rua do Ouro;



O edificio da filial do Banco do Minho, em Lisboa

o do Porto está bem a par do de Lisboa e de Braga; e em Guimarães está o Banco do Minho construindo outro para a sua filial naquela cidade, onde a nossa nacionalidade se fundou, edificio que ficará à altura dos restantes que este Banco possui. Só o valor destes representa o capital suficiente para o funcionamento duma grande casa bancária.

O capital do Banco do Minho é de dez mil contos, e as suas reservas superiores a onze mil, dedicando-se a operações bancárias de todo o género, cambiais e de ordens de bolsa, possuindo na sede e nas filiais óptimas instalações de cofres fortes para alugar.

É seu agente geral no Brasil a Sociedade Bancária do Minho,

OBRAS DE JULIO DINIZ

Julio Diniz, pseudónimo do doutor Joaquim Guilherme Gomes Coelho, se não foi um escritor genial, foi inequivocamente o que melhor soube encantar a alma portuguesa, pela naturalidade com que escrevia.

E' ver a simplicidade dos seus personagens e o encanto com que retratava as nossas scenas da Provincia.

A mais de meio século do seu falecimento, as suas obras são ainda hoje *as mais lidas* em todo o Portugal. Nenhum autor da sua geração ou da actualidade tem conseguido

DECLARAÇÃO

Tendo-se propalado que a livraria J. Rodrigues & C.^a actualmente editora da «Alma Nova» para, á sombra disso, importar papel para as outras obras que edita, declaramos que esta publicação e a «Illustração Latina» serão sempre impressas em papel nacional, expressamente fabricado para elas pela Fábrica da Abelheira.

O Director-Gerente
JOSÉ AFRA

obter o número de edições que as obras de Julio Diniz tem alcançado. E' que tem a recomendá-las a moralidade mais impecável e sugestiva.

As graciosas paginas de *As Pupilas do Sr. Reitor*, a encantadora *Morgadinha dos Canaviaes!*

São numerosas as edições que se tem feito das obras do encantador romancista Julio Diniz; os seus volumes constituem o mais delicado brinde que se pode oferecer a uma criança, a uma senhora, a um velho. O seu condão é *encantar igualmente a todos.*

OBRAS DE JULIO DINIZ

VOLUMES BROCHADOS

As Pupilas do Sr. Reitor — Uma Familia Inglesa — Os Serões da Provincia — Poesias — Cada volume brochado	7\$00
Os Fidalgos da Casa Mourisca — A Morgadinha dos Canaviaes — Ineditos e Esparsos — Cada volume brochado	8\$00

VOLUMES ENCADERNADOS

As Pupilas do Sr. Reitor — Uma Familia Inglesa — Os Serões da Provincia — Poesias	
Cada volume encadernado em percalina	11\$00
Encadernação d'amador, cantos e lombada em marroquim, dourados á cabeça, cada volume	15\$00
Encadernados a marroquim e ouro, dourados á cabeça.	17\$00
Os Fidalgos da Casa Mourisca — A Morgadinha dos Canaviaes — Ineditos e Esparsos	
Cada volume encadernado em percalina.	12\$00
» » encadernação d'amador.	16\$00
» » a marroquim e ouro	18\$00

LINDAS COLECÇÕES PRÓPRIAS PARA BRINDES

LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^A

186 — RUA DO OURO — 188

LISBOA

Rua da Quitanda, 117, e seus correspondentes em S. Paulo, os nossos presados amigos Srs. Garcia da Silva & C.^a, proprietários da «Loja do Japão», à Rua de S. Bento, tendo naquele grande país montado um serviço especial de cobrança de juros e dividendos, administração de propriedades, liquidação de heranças, etc.

O O O
O
O



A filial do Banco do Minho, no Porto

O O O
O
O

O O O

INICIATIVAS PORTUGUESAS NO BRASIL

A "CASA DE PORTUGAL"

NO RIO DE JANEIRO

Acabam de chegar-nos as listas que foram espalhadas no Brasil, para a inscrição de sócios dos *Centros Regionais* das nossas províncias e ilhas, e de cuja congregação resultará a *Casa de Portugal*, instituição que tem como aspiração máxima, reunir todos os portugueses ali residentes, sem distinção do credo político ou crença religiosa.

Os fins da *Casa de Portugal* são:

1.º—Estreitar os laços de solidariedade existentes entre todos os portugueses residentes no Brasil, incitando-os a uma sincera e fraternal amizade e à prática do amor que devem dedicar à terra em que nasceram.

2.º—Difundir o conhecimento histórico e geográfico de Portugal, exaltando as suas grandezas em todos os ramos de actividade humana, por meio de palestras, conferencias, publicações e outros meios, pelos quais possam conhecer bem o valor da raça a que pertencem e amá-la cada vez mais.

3.º—Estabelecer relações directas com as autoridades portuguesas, para que entre elas e a *Casa de Portugal* possa haver entendimento em todos os casos de interesse comum.

4.º—Comemorar as nossas datas históricas, de maneira a incentivarem todos os portugueses o amor à sua Pátria, e espalhar portoda a parte o nome e a glória de Portugal, afirmando a sua utilidade presente, como garantia da sua força e glórias futuras.

5.º—Conseguir a união da colónia, procurando acolher sob o mesmo tecto todos os portugueses no Brasil, para que, tendo uma só direcção, obedeçam a uma só vontade na defesa dos seus interesses e do bom nome português.

6.º—Auxiliar todos os portugueses em suas colocações, guiando-os de acôrdo com os seus conhecimentos e capacidade de trabalho.

7.º—Fazer propaganda de Portugal, das suas belezas e dos seus productos agrícolas e industriais, mantendo na agremiação de cada provincia uma exposição permanente desses productos e dessas belezas, com estatísticas preciosas da sua produção e capacidade productora, promovendo a sua máxima expansão comercial.

8.º—Conseguir que a agremiação de cada provincia cuide das necessidades da sua região e dos seus comprouvncianos aqui e lá, auxiliando assim a nossa Pátria e todos os portugueses.

9.º—Construir no Brasil uma sociedade em que se centralisem todos os portugueses, tendo um hospital, uma escola e uma biblioteca, e bem assim, a assistêncta moral necessária ao seu desenvolvimento.

Presentemente, já se encontram fundados, no Rio de Janeiro, todos os *Centros Regionais Portugueses*, o primeiro dos quais foi o trasmontano, em 28 de Julho de 1923, e há pouco ainda, o Madelrense.

*

Projecto apresentado ao Conselho Municipal do Rio de Janeiro, pela Comlssão Inicialora da *Casa de Portugal*:

Assim instalado e organizado, o Banco do Minho, com 61 anos de existência, é um dos nossos mais sólidos estabelecimentos de crédito; por isso temos o maior prazer em lhe prestar esta nossa homenagem e publicar as fotografias da sua sede e das suas filiais em Lisboa e Porto.

Considerando que os centros Regionais Portugueses, fundados e solidarizados para instituir, nesta cidade, a *Casa de Portugal*, são, por seu programa e actividade, associações destinadas a cooperar, directa e eficazmente, no problema da colonização sistemática do interior brasileiro, para ali orientando, de acôrdo com os poderes públicos nacionais, a corrente imigratória de Portugal;

Considerando que os mesmos Centros estatuem a instalação, á sua custa, de escolas primárias e cursos técnicos, destinados a associados seus filhos ou filhos destes, na maioria brasileiros;

Considerando, que os referidos Centros se incumbem da organização de bibliotecas, difusão da cultura luso-brasileira e adaptação útil do elemento português ao ambiente nacional;

Considerando, que é ainda do seu programa a preparação moral e civica de seus associados ás necessidades reciprocas das Pátrias portuguesa e brasileira;

Considerando, também, que esteja nos seus estatutos a propaganda do intercambio económico luso-brasileiro, com efectivas e cabais vantagens para a economia dos dois povos;

e considerando, finalmente, que a *Casa de Portugal*, objectivo primacial de sua existencia e cristalização perfeita de todos aqueles ideais, nascerá sob os auspícios da maior fraternidade entre a Mãe-Pátria e o Brasil. . .

O Conselho Municipal resolve:

Art. 1.º — Fica concedido aos Centros Regionais Portugueses o uso e gozo do terreno da Avenida das Nações, em que está construido o Pavilhão das Indústrias Portuguesas e pelo Governo de Portugal edificado no recinto da Exposição Comemorativa do Centenário da Independencia do Brasil, para que aí fundem e mantenham, de acôrdo com os interesses reciprocos do Brasil e Portugal visados por essa instituição, a projectada *Casa de Portugal*;

Art. 2.º — O terreno mencionado no artigo 1.º da presente lei, reverterá ao patrimônio municipal, com as construções nele feitas, sem nenhuma indemnização por parte da Municipalidade e livre de quaisquer onns, não só no caso de dissolução ou extinção da *Casa de Portugal*, mas também no da mudança da sua sede do edificio actualmente construido no dito terreno, ou no de ser dado a esse edificio ou parte dele a fim diverso no estabelecido no artigo 1.º desta mesma lei; devendo constar na respectiva escritura de cessão as condições estabelecidas no presente artigo.

Art. 3.º—A transferencia do edificio de que trata esta lei para os Centros Regionais Portugueses, ou *Casa de Portugal*, fica dispensada do pagamento dos respectivos impostos; revogadas as disposições em contrario.

Sala das Sessões, 22 de Outubro de 1925. — Francisco Laginestra—Edgar Telxeira—Vicira de Moura—Henrique Guimarães—Mario Piragibe—Fellsdoro Gaia—Victor Bastos—Alves de Carvalho—Henrique Lagden — Jeronymo Bereta—Baptista Pereira—Dario Pinto—Artur Menezes—Mário Jiillo—Candido Pessoa.

Program

The *Latin Illustration* will be published next March. Its program is as follows:

Portugal: Struggle for national progress by means of the propaganda of our colonial and continental values and possible values.

Brazil: Propaganda of the values and possible values of this nation; Intellectual intercourse between Portugal and Brazil.

Europe: Propaganda of the values and possible values of the nations of latin origin, chiefly the nations of migratory current to South and North America; propaganda of those nations and of the British nation, allied to Portugal, and allied to the most part of those nations.

America: Propaganda of the values and possible values of the nations of South America; propaganda of the United States.

The *Latin Illustration* will consecrate to the execution of this program many special pages written in the languages of those nations, and it will attempt to bring out those values and possible values by developing the matters connected with the national progress and with the intellectual intercourse between Portugal and Brazil.

The *Latin Illustration* will maintain the most cordial intercourse with other nations, because its scope is to form an alliance between the latin nations and the peoples allied to them, for the propaganda of civilisation, and not for an attempt of absorption. The latin race is never more the conquering race, it is civiliser one.

Programa

La *Ilustración Latina*, cuya publicación empezará en lo próximo mes de Marzo, tendrá el programa siguiente:

Acerca de Portugal: Resurgimiento de la nación por el medio de la propaganda de nuestros valores y posibilidades continentales, insulares y ultramarinos.

Acerca del Brasil: Propaganda de los valores y posibilidades de aquello país y inter-cambio mental, el más apretado posible con el nuestro.

Acerca de la Europa: Propaganda de los valores y posibilidades de las naciones de origen latina, con especialidad las de la corriente de emigración hacia la América del Sud y América del Norte, y de la Inglaterra, aliada nuestra y de grande parte de aquellas naciones.

Acerca de la América: Propaganda de los valores y posibilidades de las naciones de origen latina de esta quinta parte del mundo, y de la América del Norte, suya natural aliada

Para la obtención de esto plano, la *Ilustración Latina* dedicará páginas especiales en los respectivos idiomas a cada nación, y en las cuales hará esfuerzos para poner en destaque los citados valores y posibilidades, dando el mayor y posible desarrollo a todos los asuntos los cuales tengan relación con el Resurgimiento Nacional y el inter-cambio Luso-Brasileño.

Con las naciones restantes, la *Ilustración Latina* hará mantener las relaciones más cordiales en atención a su propósito, que es él de formar un bloco de latinidad y sus aliados para las conquistas de la Civilización, y jamás con alguno pensamiento de absorción, puesque la raza latina hace mucho tiempo ha dejado de ser la Conquistadora para serlo, con especialidad, la Civilizadora.

"ILUSTRAÇÃO LATINA"

PROGRAMA

A *Ilustração Latina*, que começará a sua publicação no próximo mês de Março, terá o seguinte programa:

Sobre Portugal: Ressurgimento Nacional, por meio da propaganda dos nossos valores e possibilidades continentais, insulares e ultramarinas.

Sobre o Brasil: Propaganda dos valores e possibilidades daquele país, e intercâmbio mental, o mais estreito, com o nosso.

Sobre a Europa: Propaganda dos valores e possibilidades das nações de origem latina, especialmente as de corrente emigratória para a América do Sul e para a América do Norte, e da Inglaterra, aliada nossa e de grande parte daquelas nações.

Sobre a América: Propaganda dos valores e possibilidades das nações de origem latina desta 5.ª parte do mundo, e da América do Norte, sua natural aliada.

À consecução deste vasto plano, dedicará a *Ilustração Latina* páginas especiais, nas respectivas línguas dessas nações, em que procurará pôr em destaque os referidos valores e possibilidades, dando o maior desenvolvimento possível a todos os assuntos que se relacionem com o Ressurgimento Nacional e o intercâmbio Luso-Brasileiro.

Com as restantes nações, a *Ilustração Latina* manterá as relações mais cordiais, visto que o seu intuito é formar um bloco da Latinidade e suas aliadas, para as conquistas da Civilização, jámais com qualquer pensamento de absorção,—pois que a raça latina deixou há muito de ser a Conquistadora para ser a Civilizadora.

1.º

N Ú M E R O

E M

M A R Ç O

D E

1 9 2 6

Programme

L'Illustration Latine commencera sa publication Mars prochain, et aura le programme suivant:

Sur Portugal: Renalssance Nationale: propagande de nos valeurs et possibilités continentales, insulaires et d'outre-mer.

Sur le Brésil: Propagande de ses valeurs et possibilités, et échange intellectuel le plus étroit avec lui.

Sur l'Europe: Propagande des valeurs et possibilités des nations d'origine latine, surtout de celles qui ont des courants émigratoires pour l'Amérique du Nord et l'Amérique du Sud; et de l'Angleterre nôtre alliée et alliée de la plus part des dites nations.

Sur l'Amérique: Propagande des valeurs et possibilités des nations d'origine latine, et de l'Amérique du Nord, alliée naturel de ces nations.

L'Illustration Latine publiera pour la réalisation de ce projet si grand, dans des pages spéciales dans les langues de toutes ces nations, dans lesquelles elle cherchera à mettre en lumière les dites valeurs et possibilités de chaque une et à développer tous les sujets ayant rapport avec la Renaissance Nationale et le change intellectuel entre le Brésil et le Portugal.

L'Illustration Latine aura tous les égards devant les autres nations, tâchant de maintenir avec elles les plus cordiales relations, puisque son hut est de former un bloc de la latinité et ses alliés, pour les conquêtes de la civilisation universelle, sans arrière pensée de absorption, car la race latine il y a longtemps qu'elle n'est plus la Conquérante mais la Civilisatrice.

Programma

L'Illustrazione Latina, che inizierà la sue pubblicazioni nel prossimo mese di Marzo, svolgerà il seguente programma:

Riguardo al Portogallo: Risorgimento Nazionale, con una vasta propaganda dei nostri valori e possibilità continentali, insulari e ultramarine.

Riguardo al Brasile: Propaganda dei valori e possibilità del Paese e intercambio mentale, il più unito, con il nostro Paese.

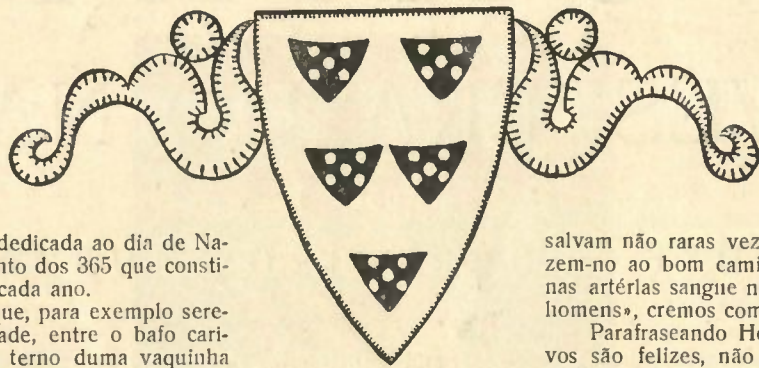
Riguardo all'Europa: Propaganda dei valori e possibilità delle nazioni di origine Latina, specialmente quelle che hanno una corrente emigratoria per l'America del Sud e per l'America del Nord e così pure delle nostra alleata; l'Inghilterra legata a la più grande parte dei paesi latini.

Riguardo all'America: Propaganda dei valori e possibilità delle nazioni di origine latina, di questa quinta parte del Mondo; e dell'America del Nord sua naturale alleata.

Onde realizzare questo grande progetto, *l'Illustrazione Latina*, intraprende pubblicazioni in pagine speciali, articoli scritti nel rispettivo idioma delle suaccennate nazioni, alle quali procurerà di dare maggior impulso ai riferiti valori e possibilità, avendo cura di dare la più grande espansione a tutto ciò che si relaciona con il Risorgimento Nazionale ed all'Intercambio Portoghese-Brasileiro.

L'Illustrazione Latina manterrà inoltré colle altre Nazioni, le relazioni più cordiali, essendo il suo scopo, di formare una unione della Latinità e sue alleate per le conquista della civilizzazione, e senza nessuna segno d'ostilità verso le altre nazioni, perchè la razza Latina lasciò da molto tempo di essere conquistatrice per passare ad essere civilizzatrice.

C R Ó N I C A



A CRÓNICA de hoje é dedicada ao dia de Natal — o dia mais santo dos 365 que constituem normalmente cada ano.

Foi neste dia que, para exemplo sereníssimo de humildade, entre o bafo carinhoso da jumenta e o olhar terno duma vaquinha bíblica, os livros sagrados dizem haver nascido o Redentor, numa mísera estalagem de Belém, da Judeia.

Reza, a tal propósito, o «Santo Evangelho de Jesus Cristo, Segundo San-Lucas», (Parte I, página 47):

«E subiu também José desde a Galileia, da cidade de Nazaret, à Judeia, à cidade de David, que se chamava Belém, porque era da casa e família de David, para se alistar com sua esposa Marla (em obediência ao édito de César Augusto, que ordena o alistamento geral do mundo romano), que estava grávida.

«Aconteceu, porém, que estando all, se completaram os dias em que devia dar á luz o seu filho primogénito e o envolveu em paninhos e o reclinou em uma manjedoura, porque não havia lugar para êle na estalagem.»

Foi isto há aproximadamente dois mil anos, e em vão a cinza dos séculos procurará apagar da alma dos povos a sua cristianíssima recordação.

De todas as grandes festas tradicionais da humanidade, a do Natal mantém-se, assim, a mais significatva e enternecedora. E a sua interpretação generalizou-se á família, humanizou-se, tornou-se o símbolo do Lar, comemorando-a hoje todos os povos do cristianismo, quasi com os mesmos ritos e as mesmas invocações. «Nos actos puramente religiosos, falar de uns é falar de todos, escreveu algures, nestas mesmas páginas, o distinto etnógrafo sr. Luís Chaves. «Por exemplo, justifica, o *presépio* é comum á Itália, — de onde parece provir, com as suas exposições de luxuosas vestimentas, — á Bélgica dos *jardins clos*, — á Espanha, afim na raça e nas origens artisticas da nossa gente».

Actualmente, por toda a parte, o motivo essencial da festa, é a glorificação da Família, é a apoteose do Lar.

Crianças e velhos, parentes e amigos, toda a família, enfim, se refina neste dia. Até mesmo aqueles que estão longe, os próprios mortos, e os deserdados da sorte, não faltam á mesma mesa, na noite sagrada, — porque há sempre para êles uma lembrança íntima, uma palavra terna de saudade, o éco sublime duma recordação, a suavidade dum afago.

*

Nesta hora de inquietações e incertezas, que paira sobre a Família Lusitana, nós precisamos, mais que nenhum outro país, festejar o o Dia de Natal.

E' indispensável que, na lareira da Pátria, todos os filhos desavindos se reúnem pressurosos ante a mesma fogueira de patriotismo, a fazer penitência de seus erros. Só uma extraordinária abnegação patriótica e só um grande e indefectível amor de todos, pelo que constitue o nosso património de séculos, podem ainda furtar-nos aos torvos dissabores e negras vergonhas que nos espreitam.

Sejam o santo e a senha dos verdadeiros portugueses, estas duas simples palavras: *Fé e Amor*.

«Uma grande paixão, um grande amor, — escreveu há 27 anos Venceslau de Moraes —

salvam não raras vezes os homens dos abismos, trazem-no ao bom caminho, regeneram-no, inoculam-lhe nas artérias sangue nobre»; e «As nações são como os homens», cremos com o mesmo.

Paraphraseando Homero, podemos dizer que os povos são felizes, não apenas quando um único chefe os rege, mas quando um único pensamento os aproxima.

Na lareira da «Alma Nova» arde hoje também um madeiro de cerca de 11 anos. Aqui somos todos em sua volta. E' á sua claridade que vamos desfilar algumas recordações desta derrota já longa. O primeiro número appareceu em Faro, em fins de 1914. Era então uma pequena fôlha de 8 páginas, de aspecto modesto e character meramente regionalista. Ao sair o segundo número, o seu fundador veiu matricular-se na Universidade de Lisboa, e a «Alma Nova» acompanhou-o, mantendo o mesmo programa até á realização do 1.º Congresso Regional Algarvio, em Setembro de 1915, que ajudou a organizar e promover, fechando a 1.ª série com um número dedicado ao referido Congresso.

A 2.ª série, já muito melhorada, inicia-se então, com novos e valiosos elementos e sob um programa mais desenvolvido, dela se publicando 2 volumes, até á data da abalada das primeiras tropas portuguezas para a Grande Guerra, na qual também seguimos, como oficial de artilharia.

A 3.ª série, — que hoje dá por finda a sua missão, passando o seu programa, na íntegra, para a «*Ilustração Latina*», — foi incluída em 1919, com o regresso das últimas tropas da guerra, completando o presente número o vol. III e último.

Na 2.ª fase, é justo salientar, mercê dos dedicados esforços de alguns dos seus redactores, que hoje são nomes feltos, no fôro e nas artes, a «Alma Nova» afirmou-se como uma bela revista de novos. No seu desejo de expansão, começou a estender-se também ao Brasil, onde teve colaboradores distintos, nas letras e nas artes, como Ronald de Carvalho e Navarro da Costa, entre outros. Era já então uma revista com 20 páginas de texto e várias separatas, tendo nesta fase prestado os seguintes serviços:

a) Apoio á campanha a favor dos netos esquecidos de Camilo; b) Publicação duma série de brilhantes artigos sobre a vida íntima de Eça de Queiroz (hoje em volume), que grande parte da melhor e mais divulgada imprensa do país reproduziu; c) Realização de 2 exposições de Arte, uma das quais muito apreciada; d) Publicação duma série de estudos sobre pintores e artistas vivos, sua orientação dominante, sua evolução e sua obra!

Da nova publicação, que no ano próximo vamos iniciar, com Alcântara Carreira, Saavedra Machado, o sr. José Afra, e todos os que nos teem acompanhado até aqui na «Alma Nova», já o primeiro

daqueles afeiçoados camaradas disse o necessário no número passado.

Para a «*Ilustração Latina*», que assim se chamará a referida publicação, propuzemo-nos entrar com todo o nosso programa e todas as velhas amizades da «Alma Nova».

Resta que todos não só nos aplaudam, mas ainda acompanhem, para que daqui a um ano, se não podermos ser o dôbro, o triplo ou o quádruplo, como confiadamente esperamos, sejamos pelo menos os mesmos, á nossa nova e maior lareira.



OS DIRECTORES DA «ALMA NOVA» ORGANIZANDO O PRESENTE NÚMERO

O CHIADO

NA VÉSPERA DO NATAL

por

JOSÉ GUERREIRO MURTA

TARDE frolenta. A faixa do céu que se descortina está manchada de nuvens acinzentadas. No ar palra um fluido de júbilo que místicamente invade todos os corações. O rôsto formoso das damas e a carinha inimosa das crianças parecem respirar felicidade. Os inúmeros automóveis parados diante das lojas, a azáfama dos transeúntes e a tranquilidade dos cavalheiros que estacionam a vêr as mulheres que passam, dificultam muito o trânsito. As mããs e as *tittis* saíram com os seus *apêndices* — homenzinhos em flor que transformam com o seu chilrear alegre êste pesado inverno numa risonha primavera. Alguns são querubins que apetece beijar e colocar em seguida no presépio ao lado do Menino Jesus. Êles, de olhitos muito abertos, agarram-se aos ferros das montras para contemplar num sonho das «Mil e uma noites» os brinquedos feíteiros que os transportariam a um mundo novo se o Menino Jesus os oferecesse para a sua árvore do Natal.

— Mamã, perguntava um Bêbé dum palmo de altura, o Menino Jesus é que faz êstes brinquedos tão lindinhos?

— E' sim, filho; respondeu a mãe num tom carinhoso.

— E onde é que êle faz tudo isto?, insistiu o miudinho.

— No céu, acentuou a mãe. E' no céu!!

— Lá onde está a mana Lili?

— Sim, meu amorzinho.

— Então, porque é que tu choraste tanto por ela? Não vêes que ela está melhor do que eu! Tem tantos brinquedos! tantos!...

A mãe esboçou um sorriso triste, e impelida pela lembrança de sua filhinha morta e pelo desejo de seu filhinho, (talvez o único!) entrou na loja para comprar um brinquedo.

E eu pensel:

Há alguma coisa de divino num coração de mãe. Nosso Senhor não teve um irmão, uma irmã ou uma esposa, mas quis ter uma mãe!

*

Outra criança encanta o homem — a mulher. Como a criança, a mulher já feita ostenta nesta tarde uma auréola de candura e de pureza. E' que foi neste dia que Deus a quis fazer anjo, levantando-lhe um altar. Os homens que todas as tardes costumam passear pelo Chiado não a envolvem agora nos seus olhares concupiscentes; olham-na como se fosse violeta casta que não se deve profanar.

Metidas nos seus casacos de corte elegante, nos seus abafos opulentos, nas suas peles caras, as mulheres neste dia sentem prazer em abrir as suas malinhas e dar esmolas aos pobres esfarrapados que enxameiam as ruas mais movimentadas da capital, pondo num quadro animado e de côres berrantes uma nódoa bem escura. E todas, ricas e pobres, dão a sua esmolinha, contrariamente ao que fazem os homens. E' que o homem só dá se tem muito e a mulher ainda que não tenha assás.

Mas os pedintes nem sempre ficam agra-

decidos. Alguns, diante dos abafos e das joias parecem dizer em silêncio, num raciocínio cheio de filosofia:

«Enquanto existir fome nos lares, o luxo é um crime contra a sociedade».

«O luxo só seria desculpável quando ninguém conhecesse o frio nem sofresse a fome.»

«Com o que os ricos vestem a mais, haveria com que vestir todos os indigentes.»

Mas a sociedade foi sempre assim e não há génio que a molde noutras formas mais humanas.

As vítimas da desgraça que vêem nas vestes o sinal do bem estar, não acertam sempre. O luxo não gera a felicidade. Nas capitais, sentenciou alguém, a miséria oculta-se ás vezes debaixo do luxo, como os vermes debaixo das asas aveludadas das borboietas. E não é para admirar. As mulheres das grandes cidades assemelham-se áquelas plantas viridentes dos pomares, que têm sempre perto de si os sapos repugnantes. A mulher deve ser sentinela de si mesmo, li eu algures. Êla está cercada de inimigos; tem-nos em sua cabeça, em seu coração, em toda a sua pessoa e em grande parte nas pessoas que a rodeiam. Se é bela, está dia a dia exposta aos laços injuriosos dos homens; se é feia sofre — a fealdade é uma dôr que a mulher conserva toda a vida.

Dizia Napoleão que de todas as obras que Deus fez, o homem é a prosa e a mulher a poesia. Ora, nem todos os homens possuem uma alma delicada para compreender essa poesia. Mas os *D. Juans*

do Chiado, na véspera do Natal mostram-se dispostos a prestar culto românticamente áquelles poemas encadernados de seda. — As damas ainda garotas, é que não poupam os seus olhares atrevidos. Não sabem elas ainda que as mulheres que gracejam com amôr são como os meninos que brincam com facas afiadas — ficam sempre feridas.

Algumas mããs, sem medo de conquistar o título de sogra, parecem auxiliar excepcionalmente as filhas no desempenho dessa alta comédia — o namôro.

Essas mããs conhecem certamente êste pensamento:

«Aquela que acha um bom genro, ganha um filho, e a que tem a desgraça de achar um mau, perde uma filha.»

*

As sombras da noite já caíram sôbre a cidade. Todos, com os seus numerosos embullhos, se dirigem a suas casas, onde o espirito val ver profundamente. — Ausentes e mortos queridos vieram assistir também á festa do Natal.

Mas já os snos convidam para a missa do galo.

Que recordações não trazem naqueles toques!

Que mundo de visões e de saudades não evocam êles por essas aldeias de Portugal!

«Sino, coração de aldeia,
Coração, sino da gente,
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente»...



(Ilustração de Martins Barata)

EM MARÇO:

«ILUSTRAÇÃO LATINA» — PUBLICAÇÃO MENSAL

O TRÊVO DA JUDEIA

(LENDA PORTUGUESA)

NUVENS pesadas impelidas pela impetuosidade dos ventos rolavam no espaço, formando como um docel de chumbo sôbre a tristeza da paisagem nostálgica de Gethsemani, a essa hora crepuscular.

A noite descia rápida, carregada de ameaças.

A atmosfera adensava-se.

Jesus, o Mestre Divino de doutrinas resplandcentes em eterna beleza, perfumadas da graça imortal da bondade sublimada, caminhava grave e pensativo pelas sendas estreitas do Horto das Oliveiras, buscando o lugar predilecto das suas meditações, insensível às fúrias temerosas dos ventos, aos pronúncios de tempestade que fermentavam nos ares.

Num silêncio respeitoso o seguiam os discípulos, para não o perturbarem nos seus pensamentos.

Ao chegar ao sítio procurado, Jesus ajoelhou.

Os apóstolos discretamente se afastaram, para um abrigo propício ao repouso, e adormeceram.

A noite viera escura e tenebrosa. Nem uma estrela a brilhar no céu, nem um sorriso da lua a iluminar a palidez do Rabi da Galileia.

Os trovões clamaram raivosos, na sua voz tonitroante, os desesperos duma rude batalha entre forças opostas da natureza.

Os relâmpagos, em ofuscante zig-zaguear, cruzavam-se, chocando-se, confundindo-se numa epilepsia de movimentos, em frémios de luz, em jogos scintilantes de pirotecnia.

A palidez de Cristo acentuára-se. Mas os seus joelhos continuavam dobrados sôbre a terra. Os seus olhos negros erguiam-se ao alto na exaltação mística da fé. Os seus lábios, ao de leve entreabertos, no murmúrio doce da prece, não acusavam a tremura dos tímidos, mas a decisão duma alma oferecida em holocausto a um ideal excelso.

De súbito, um raio fendeu as trevas, inundou duma claridade lívida o rosto de Jesus e o chão escancarou-se num fragor.

Um ente disforme, colossal, surgiu envolto em chamas rubras e doiradas, quebrando com gargalhadas sarcásticas a paz religiosa e severa daquela hora augusta.

O Senhor estremeceu e escutou as palavras de Satanaz, o rei das regiões infernais, pois era êle o profano indiscreto, porque só êle ousaria arrancar o Divino Mestre á sua oração suprema pela redenção da humanidade.

Na sua voz metálica lhe disse o tentador:

«Não vos canceis, oh Cristo! Os homens não merecem os vossos sacrifícios. Sois novo, forte e poderoso.

Procurai as alegrias do mundo e gosai. O mundo é grande e os seus prazeres infinitos. Aproveitai».

— «Para que me tentas, inimigo das almas?

Perdes o tempo. Tudo sofrerei para redimir o género humano da sua cadeia de maldades.

Cumprirei as ordens de meu Pai!»



D. EMILIA DE SOUSA COSTA

Ilustre escritora

alma se desprende o bálsamo delicioso com que refrescastes esperanças, fizestes florir oásis na desolação de áridos desertos, brotar fontes de amor, na sarça ardente dos rancores e dos ódios. Tudo foi inútil. Os homens não vos compreenderam, nem vos compreenderão jámais. Vindé comigo e desprezai os ingratos».

Contraíu-se o rôsto do Senhor, num rictus de amarga indignação, e ordenou:

— «Vai-te, pérfido. Não quero mais ouvir-te.»

Satanaz soltou uma blasfémia hedionda e desapareceu no abismo.

Deslizaram lágrimas de dôr pelas faces do Rabi de Galileia. Da sua fronte sagrada correu sangue que caiu, gôta a gôta, sôbre as pequeninas folhas de trêvo que se estendiam como um tapete, verde e macio, em volta de Jesus. Em cada folha três nódoas purpurinas tremulizaram e ficaram retidas, numa carícia compadecida.

E então uma vózita débil suplicou:

— «Senhor, concedei-me a graça de conservar para sempre, nas minhas folhas pequeninas, as gôtas preciosas do vosso sangue generoso e divino».

Abriu-se num sorriso de ternura a bôca mortificada de Jesus, ao responder, na sua meiga suavidade de Santo dos Santos:

— «Trêvo da Judeia, será como desejas. Nunca mais, enquanto o mundo for mundo, se apagarão das tuas folhas pequeninas as gôtas do meu sangue puríssimo. E, para uni-las, juntar-lhes-ei a corôa de espinhos que em Jerusalem aguarda o cumprimento das ordens de meu Pai».

*

* *

Quem ainda hoje examiar as folhas dessa planta consagrada, encontrar-lhes-há os sinais de distinção com que Jesus de Nazareth afirmou o seu reconhecimento á piedade e á admiração duma plantasi-nha tão humilde, que mal pôde erguer a sua corôla um palmo escasso acima do réz da terra.



UM NATAL

DRAMATICO

MÃE!

Dizem que a natureza é que prediz
Se a morte nos será bela ou mesquinha...

Do ventre da infeliz,
Nessa manhã nascera a criancinha!

Da tempestade o trágico fragor
Não se pode pintar, não se descreve;
Cobriam-se de neve
Os montes em redôr.

A pequena choupana miserável,
Onde viera á luz essa criança,
Como um beijo de graça e de esperança
Num lábio feminil, brincando afável,
Era o albergue da que outr'ora fôra,
(O' destino fatal!)

A mais encantadora,
A jovem mais gentil da capital!
Um amor condenável, cego e louco...
Sonhara num vâdio, um ser ideal!
Caíra num abismo, dentro em pouco:
Nos braços dêsse tôrpe sensual...
E tivera, a seguir, de abandonar,
Revôlta a consciência,
O seu risonho, bem amado lar,
Todo paz, todo luz, todo inocência!

Piedosos corações que andais prégando,
Nas lutas da existência,
A bondade e o perdão,
Vinde lançar essa divina essência
Sôbre êste alanceado coração.

Pecou, tornou-se impura,
— Nós sabêmo-lo bem;
Mas se há um amor que lava a criatura,
Êsse amor é o de mãe.

Já ia serenando a tempestade;
Do arco-iris a luminosa ponte
Lançava-se de um monte a outro monte,
Numa serena e etérea magestade!
Alguem bateu á porta carcomida
Da choupana. Do leito,
A pobre mãe febril, surpreendida,

Ergueu-se, e com o filho unido ao peito,
Foi de rastos abrir,
Um velho austero, entrou. No olhar, no gesto,
Perante a desgraçada,
Não se leu um vislumbre de protesto;
Ela ficara olhando-o, prosternada.

Ergueu-a o recém-vindo
Nos seus braços ainda vigorosos;
E em serenas palavras diluindo
A compaixão dos entes generosos,
Interrogou-a: — «Lembra-se dos seus,
Do seu outr'ora plácido existir?»
— «Por êles, todo o instante peço a Deus,
E até que a morte venha hei de pedir»,
Disse a triste.
— «Pois bem,
Nós esquecemos tudo,
Agora que a senhora é apenas... mãe».

Cruel espanto, inenarrável, mudo,
Fulgiu nos olhos dela!
Em dias de procela,
Se um relâmpago brilha no infinito,
Anúncia o trovão;
Aquêle espanto anunciára um grito
Que dizia um calvário de paixão!
A infeliz, ao soltá-lo, desmaiou.
Não pode calcular
O tempo que o desmaio demorou,
Vendo-se, ao despertar,
Sob o paterno tecto que deixara,
No quarto luxuoso onde passára
A virginal infância descuidada.

Não mudara ali nada;
Podia-se um perfume de junquillo
Ainda presentir,
Mas tinha a mais a alcôva — um berço, um filho,
A ineludível prova do seu crime!
E poz-se o reflectir,
Alucinadamente:
«Coisa alguma na vida me redime;
Salvemos o inocente;
Êste anjo não tem pai e se a mãe perde,

Servir-lhe-ão de pais, meus pais, e, assim,
Talvez não seja victima, nem herde
Toda a vergonha que me envolve a mim! »

E imprimindo no ser recém-nascido,
Um beijo, todo amor, onde quizera
A vida lhe ficasse,
Estranha ao desalinho do vestido,
Desceu á rua. Há muito anoitecera.
O tempo era sombrio.
Açoutava-lhe a face
A brisa glacial.

Dirigiu-se ao encontro dêsse rio
Que desliza ao sopé da capital,
Parou, porém, a meio do caminho;
E pareceu-lhe (ó ilusão de ouvido
De mãe cheia de angústia!) que o filhinho
A chamava do berço, num gemido...

Voltou correndo ao sitio onde ficara
O fruto do seu ventre;
Como estreita vereda entre seara,
De soluços e lágrimas, por entre,
A sua voz ergueu-se clamorosa:
«Desgraçada de mim!
Pois não fui duas vezes criminosa!
Não te quiz eu também abandonar,
Meu lindo querubim!
O' eterno remorso! eterna dôr!
Êles eram pais, puderam perdoar;
Mas tu, ó filho meu, ó meu amôr,
Quando souberes (eu hei de t'ó dizer)
Que assim, quâsi ao nascer,
Pensei sem mãe deixar-te, que dirás?!
Não te posso piedade merecer,
Não me perdoarás!»

Varrera o vento as nuvens. Gloriosa
A lua ia subindo
E de raios de luz cariciosa
O grupo revestindo,

A mãe chorando, orava e repetia:
«Meu filho perdoará, Senhor, dizei?
E o olhar da criança traduzia:
«Eu já te perdoei!»

SALA DE VISITAS

Madame Bettencourt Rodrigues, distintíssima esposa do ilustre homem de ciência e de letras, notável clínico, dr. Bettencourt Rodrigues, acompanhada de sua gentilíssima filha,



madame Rodrigues Pereira, esposa do brilhante advogado dr. Rodrigues Pereira, e de suas gentis amigas Clara e Virginia Herman Pereira, «posando» para a nossa revista.

«POSANDO» PARA A «ALMA NOVA»

O ALGARVE

Damos hoje o retrato de M.^{elle} Maria Cremilda Revez Guerreiro Corrêa, prezada e gentil menina da melhor sociedade olhanen-



FEMININO

se, e distinta aluna do 5.º ano do liceu João de Deus, em Faro, que será, no próximo ano, uma das nossas «Afilhadas».

EM DEFESA DAS COLÓNIAS

COM as celebrações do cinquentenário da Sociedade de Geografia de Lisboa.—a prestimosa instituição que tão relevantes serviços tem já prestado ao país, especialmente no que respeita à defesa dos nossos domínios ultramarinos,—coincidiu o início duma campanha urgentíssima e altamente patriótica, levantada por aquela mesma colectividade em defesa das colónias.

O apelo da douda instituição parece ter ecoado na alma popular.

País em que as colónias quasi são a sua própria razão de existir, Portugal nunca poderia, de facto, ficar indiferente, nem consentir jámais, sem grave risco da sua independência, qualquer amputação, clara ou dissimulada, na carne sagrada do seu património.

Compreendeu-o assim a mocidade académica das escolas superiores de Lisboa, Porto e Coimbra, resolvendo secundar a patriótica campanha da Sociedade de Geografia.

Atestando com factos, perante as outras nações, a sem-razão das campanhas difamatórias que contra nós são actualmente movidas, o mundo não nos regateará razão, nem esquecerá tão depressa que se hoje as suas poderosas esquadras e os seus admiráveis transatlânticos vão da grande América aos confins do Oriente, e cruzam a vastidão dos mares em todas as direcções, aos chavecos e aos marinheiros portugueses em especial o devem; e se as florestas virgens da maior parte da Africa, dos sertões da América e de vários pontos da Ásia e até da Oceania, foram há muito abertas à civilização, aos marinheiros e colonizadores portugueses o devem também.

A sessão solene da celebração das «bódas de ouro» da Sociedade de Geografia, foi precedida pela seguinte série de conferências, que deram início à campanha pró-colónias:

—«O General Joaquim José Machado e a sua obra nos últimos 50 anos de administração colonial»,—pelo Dr. Caetano Gonçalves, em 2 de Novembro;

—«Potencialidade de Angola»,—por João Alexandre Lopes Gonçalves, em 3;

—«Manifestações da actividade e trabalho dos portugueses na cidade e porto da Beira (Moçambique)»,—por Carlos Roma Machado, em 4;

—«A engenharia nas colónias»,—pelo Visconde de Almeida Garrett, em 5;

—«Alguns aspectos do problema colonial»,—pelo major Fernando Utra-Machado, em 6;

—«Timor, nos seus diversos aspectos»,—pelo major Leite de Magalhães, em 7;

—«Índia Moderna»,—pelo dr. Jaime de Morais, em 9;

—«A capacidade colonizadora da Nação Portuguesa»,—por Lourenço Cayola, no próprio dia da sessão solene, em 10.

Damos hoje dois rápidos apanhados de duas dessas brilhantíssimas lições— a conferência do major sr. Leite de Magalhães e a do sr. Visconde de Almeida Garrett.

T I M O R COLÓNIA DE TRADIÇÕES E DE RIQUEZAS

“QUANDO em 1908 deliberei iniciar a minha carreira colonial por Timor,—Timor era a colónia difamada. Pesava sobre ela a maldição política resultante da lei de 13 de Fevereiro, e o julgamento cruel de Oliveira Martins, que, n’«O Brasil e as Colónias Portuguesas», afirmara não ser cousa nenhuma nem nos ligarem a ela tradições.

«Tendo estudado a colónia, verifiquei o contrário: a realidade do seu valor e do seu desenvolvimento material e económico, ligada a tradições da maior honra para o nosso nome e para as nossas qualidades colonizadoras».

Fazendo a história de Timor, o Major sr. Leite de Magalhães põe em destaque, que esta colónia constitue um descobrimento português tão glorioso como qualquer dos outros, muito embora seja ignorado o descobridor; o facto, porém, consta da relação da 1.^a viagem de circunnavegação, deixada por Pigafetta, e é confirmado pela narrativa do grumete da nau *Vitoria*, Martim de Agamonte, feita em Malaca perante o capitão Jorge de Albuquerque e existente no arquivo da Torre do Tombo». As fases da sua ocupação e conquista demonstram como a energia da Raça se manifestou naquela ilha, onde o espírito rebelde dos povos levou séculos a dominar e onde as intrigas e as maquinações holandesas, que só há muito poucos anos terminaram, não requereram menos energia e esforço diplomático.

Formam legião os governadores que aí se distinguiram pelo seu tacto administrativo e pelo vigor do seu braço. Muitos deles, esgotados pelo labor ou torturados pelas dificuldades, aí ficaram para sempre, na terra dos cemitérios.

Apreciada scientificamente, tanto sob o ponto de vista antropológico, como nos campos geológico, botânico e zoológico, a ilha de Timor oferece um alto interesse, devendo citar-se as opiniões discordantes de Hamy, A.

Lesson, Ten Kate, Barros e Cunha e Mendes Correia, sobre as suas raças; os pareceres de Hirsch, sobre a geologia, e os de A. Forbes, sobre a flora. Pelos seus estudos próprios, firmados na linguística, na tradição histórica e nas indicações geograficas, o Major sr. Leite de Magalhães diz ter chegado a concluir que o povo timorês, considerado nos dois mais importantes núcleos que o constituem, tem afinidades marcantes com o povo «Batak», de Sumatra, e o povo javanez, não em estado de pureza, mas já cruzados ambos na sua passagem pela Celebes e ilhas do arquipélago das Molucas. A flora e a fauna, essas, são, evidentemente, a transição entre a flora e a fauna asiáticas e a flora e a fauna australianas, mas possuindo também espécies novas.

Nas suas riquezas, é digna de especial menção a curiosidade das aflorações de petróleo nos pontos mais diversos da Colónia; e na variedade das suas produções, avultam a do café e a da copra, sendo, porém, notável a co-existência das plantas mais características da zona equatorial e da zona temperada, naquelas mesmo *habitat*, onde, na verdade, se vive sob diferentes climas.

O fomento agrícola de Timor foi iniciado pelo governador Alcoforado e Sousa, em 1815, tendo prosseguido até ao governo do sr. Filomeno da Câmara (1911-1916), que estava transformando a ilha numa grande plantação.

O comércio em 1924 foi além de 1.270 contos-ouro, dos quais 618 de exportação. E as suas receitas ordinárias para 1925-1926 foram computadas em 643 contos-ouro, mas, na sua opinião, o grande aumento de 273 contos-ouro, sobre as receitas calculadas no ano anterior, representa uma violência que não honra a administração da Colónia.

«Como Mousinho da Silveira, o sr. Leite de Magalhães só admite a sciência financeira que não esteja na contabilidade aritmética, mas no aumento da matéria contribuinte—o que não se fez».



MAJOR LEITE DE MAGALHÃES

ALMA NOVA

PORTUGUESES NO BRASIL

O grande estabelecimento de S. Paulo "Loja do Japão"



O
EX.^{ma} SR.
MANUEL
GARCIA
DA
SILVA

CHEFE
DA
FIRMA
GARCIA
DA
SILVA & C.^a

Grupo do chefe, sócios, interessados e auxiliares da "Loja do Japão"



A LOJA DO JAPÃO, o grande estabelecimento da firma Garcia da Silva & C.^a, situado à Rua de S. Bento, uma das artérias mais centrais da formosa e famosa Capital do Estado de S. Paulo, é um dos que honram a actividade da Colónia Portuguesa do Brasil. Dando hoje o retrato do chefe dessa importante casa, nosso presado Amigo ex.^{mo} sr. Manuel Garcia da Silva, e o grupo em que elle está com seus dois filhos e sócios, também nossos presados Amigos ex.^{mos} srs. Manuel e Alfredo Garcia da Silva, rodeados de interessados e auxiliares, queremos pôr em destaque o enobrecedor esforço da nossa referida Colónia, da qual aqueles ex.^{mos} srs. são destacantes vultos.

O ex.^{mo} sr. Manuel Garcia da Silva, casado com uma distinta senhora filha do falecido e venerando Conde de S. Joaquim, é natural de Lamego, onde tem magníficas propriedades e tem felto muito bem, e possui em Lisboa um lindo palacete, à Avenida Fontes, de requintado gosto de mobiliário e ornamentação. Muito relacionado e estimado em Portugal, no Brasil e em França, é um distinto elemento da nossa sociedade, onde a sua falta é sempre sentida.

EM MARÇO: «ILUSTRAÇÃO LATINA», PUBLICAÇÃO MENSAL

GRANDES DE PORTUGAL

GAMA BARROS

II

HISTORIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM PORTUGAL NOS SECULOS XII A XV

OBJECTIVO do historiador, ao escrever esta obra, foi, como diz no resumido proemio que a abre, «apresentar a administração publica em Portugal sob todos os seus aspectos em relação ao regimen interno», e este estudo abrange a época decorrida desde a fundação da monarchia, até ao fim do reinado de D. João II»; mas, continua no referido proemio, «para analisar de perto o mecanismo da administração e o seu influxo, não basta conhecer o direito que a regia, é mister penetrar mais no âmago da sociedade, perscrutando os costumes de cada classe, investigando os seus privilegios e encargos, e atentando tambem na constituição da familia e da propriedade, na justiça civil e criminal»; assim é que o historiador, baseado nestes conhecimentos, hauridos no cotejar beneditino e apurado de uma assombrosa documentação impressa e manuscrita, e das obras da especialidade que com o assunto se relacionam, vai «retratar o modo como se governava a nação portuguesa... observando as transformações que se sucederam até o raiar do século XVI, em que, sob o imperio da monarchia absoluta, o país vai entrar numa fase nova da sua evolução». Tal é, nas palavras do proprio autor, o objecto do seu trabalho, cujo plano grandioso, tão singelamente esboçado, só se poderá avaliar, convenientemente, quando se atentar na sua magnificante e prodigiosa execução.

Numa espécie de introdução (Livro I: Direito escrito e direito tradicional) começa o autor pelo estudo do direito mediévico da Peninsula, analisando o código visigótico, cotejando o direito consuetudinário e os forais, perscrutando o direito canónico, relacionando-os com o direito romano, e passando á discriminação e exame das 8 leis gerais. O livro segundo abrange o estudo da administração central: poder do rei e seus limites; clero, ordens militares, nobres e povo; côrtes, organização do governo, casa real, funcionários, conselho do rei e tribunais; successão da corôa e a regência do reino. A propósito do poder do rei aborda o magno problema da existencia do feudalismo em Portugal, chegando á seguinte conclusão: «Achamos nas relações da classe nobre para com a corôa diferenças radicais com o sistema feudal; mas, considerado nos seus dominios próprios, o homem nobre appareceu-nos numa situação que tem manifesta analogia com a dos senhores feudais, na imunidade, no exercicio dos direitos jurisdiccionais, e nos encargos e serviços que lhe deviam os moradores e cultivadores das suas terras. Embora na origem esta situação fôsse de todo alheia ao regimen do feudalismo, reconhecemos o influxo d'elle na extensão dos direitos e prerogativas que se foram arrogando em Leão e Castela os senhorios particulares. Nestes reinos e no de Portugal a acção e reacção entre o principio feudal, que era dominante em grande parte da Europa, e as circunstâncias peculiares da Peninsula, que repelião aquelle principio, produziram um sistema politico especial, que não era o feudalismo porque lhe faltavam os caracteres essenciaes, mas que tambem proporcionava á aristocracia elementos vigorosos de resistência ao desenvolvimento do poder do rei, nos amplissimos privilegios de que a nobresia estava revestida» (1).

Nos tomos II, III e IV, expõe desenvolvidamente a situação económica do país, estudando: — no Tomo II, a população e sua divisão em classes; a condição servil e as fontes da história da população; cartas de aforamento, forais, inquisições, etc.; a organização municipal, o sistema monetário, colónias estrangeiras, feiras, as crises de fome, as taxas de preços, epidemias, luxo, comércio, os progressos das classes inferiores, os coutos, as guerras externas e as lutas intestinas, e, num capitulo final, trata do descobrimento e colonização dos Açores e da Madeira, e do progresso da nossa navegação até ao fim do reinado de D. João II, ao que se seguem várias notas e aditamentos, — no tomo III, o regime da propriedade; caça e pesca, achados de tesouros e de minas, prescrição, contratos, compras e vendas, arrhas, evicção, vícios redibitórios, direito de avoenga, escambo, doações, rebora, insinuação, incomunicação, successões (legítima, natural e testamentaria), arrendamentos, hipotecas, fianças e depósitos, prisão por dividas, protecção ao direito de propriedade; o estado das classes populares em relação á posse da terra, na monarchia dos Visigodos e até á fundação da mon-

arquia portuguesa: com o direito de origem romana, o ultimo estado do direito visigótico, período da reconquista cristã até á fundação da monarchia; o sistema tributário, reguengos, fôros, propriedade alodial, aforamentos, vinculos, morgados, sesmarias, tabeliado, etc., etc.; — no tomo IV, estuda o estado da agricultura, indústria e comércio: produtos agricolas, cereais, vinho e azeite, linho, frutas, cera e mel, cortiça, açúcar, criação de gado, pastos; indústrias dos panos, loiças, fornos de pão, cal e vidro, moinhos, e fabrico de papel, sabão, sericicultura e tinturaria, de ouro e prata, coiros, pesca, sal, etc.; comércio, dízimas e sisas, etc.; ferros e medidas, relações comerciais com as colónias e com o estrangeiro (Italia, Flandres, Inglaterra, França, Alemanha, Castela e Mouros); comércio dos judeus, exportação e importação, etc. — tudo isto baseado numa formidável documentação, que difficilmente outrem poderia acumular.

Nas paginas calmas e imparciais da *História da Administração pública*, evoca-se ante o leitor toda a vida social da Idade Média portuguesa. Serenamente, friamente, como o anatomico que retalha um gélido cadáver, com uma objectividade que só uma intelligencia puramente disciplinada logra atingir, sem preocupações afirmadas e sem ideias que não assentem sobre uma documentação exaustiva; numa linguagem limpa e sóbria, o egrégio historiador vai analisando, documento por documento, discriminando em séries, facto por facto, instituição por instituição, estudando ora uma crise social colectiva, ora a população duma provincia, ora o sistema tributario de uma região, até poder formular conclusões que se impõem por um raciocínio profundo, e por uma logica cerrada e confirmada. A linguagem é sempre tranquila e serena, já quando Gama Barros desdobra o sudário hediondo da barbarie mediévica, vista atravez da análise dos costumes, já quando se alonga no estudo do direito criminal, da applicação dos castigos e penas, na descrição das classes servas ou do luxo da nobresia. Tambem a natureza das materias dissecadas pelo grande historiador não se prestava á reconstituição dramatica e agitada de que as paginas animadas e palpitantes de Herculano dão freqüente exemplo. Gama Barros possuia em elevado grau o sentido da historia, e, ou por uma tendencia de espirito ou por educação adquirida comprazia-se mais na análise profunda dos factos, na discriminação meticulosa das instituições, na critica e apuramento comparativo das fontes, do que nas generalizações ou syntheses rapidas de que, por vezes, enfermam as obras dos maiores historiadores. A sua obra, de uma concepção gigantesca, que só uma longa vida orientado na pesquisa e análise de montanhas de documentos e de escritos especiais e vários poderia levar a cabo, é um modelo de equilibrio e de proporções onde o pormenor não destôa da generalidade, e onde a propria erudição não sufoca a singeleza de uma particularidade juridica discriminada. Jámais lhe falta um elemento que permita a sua consulta rapida e pormenorizada: é um índice alfabético geral, que ninguém melhor do que o historiador, poderia fazer, mas que é serviço que qualquer pessoa culta dada ao manejo das sciencias historicas pôde ainda prestar aos estudiosos.

Quando appareceu o 1.º volume da *História da Administração Pública*, o seu autor foi unanimemente considerado um continuador de Herculano e mestre de quantos se davam a investigações de caracter histórico.

Em 1921, por iniciativa do prof. Leite de Vasconcelos, a douta Academia das Sciencias de Lisboa, por intermédio da Classe de Letras prestou justa e sóbria homenagem ao seu «eminente sócio de merito Dr. Henrique da Gama Barros». Foi-lhe dedicado o fasciculo 3 do vol. XIII do Boletim da Classe de Letras, em cujas paginas alguns nomes mais representativos da sciencia portuguesa traçaram o perfil moral, literário e scientifico do grande historiador, sendo notável a todos os respeitos o estudo em que outro historiador illustre, o Sr. Fortunato de Almeida, analisa a obra monumental de Gama Barros. Essa consagração, que no caso de Gama Barros era mais um dever que a Academia precisava honrosamente de cumprir, foi uma das mais justas e raras que a douta corporação scientifica tem prestado. Poucos escritores lhe teem merecido em vida essa apoteose colectiva então feita a um homem que, ao dobrar quasi o cabo dos noventa anos, ainda punha as suas luminosas faculda-

(1) Vol. I, pg. 206.

CAMILO E A ARTE



A BRUXA DE MONTE CORDOVA

TRABALHO DE J. SAAVEDRA MACHADO, PARA O «IN MEMORIAM DE CAMILO», OBRA MONUMENTAL EDITADA PELA «CASA VENTURA ABRANTES» E DIRIGIDA ARTISTICAMENTE POR AQUELE NOSSO CAMARADA DA DIRECÇÃO

CAPITULO DE LA ARTE

des ao serviço de um trabalho quotidiano de redacção de uma obra a que consagrou a actividade de uma vida inteira de labor honesto e são. Na época que vai correndo, em que os homens se pretendem criar reputações vertiginosas, á custa sabe-se de que meios, é consolador vêr essa vida intensa de trabalho, arrumado e acomodado com um método implacável e seguro, utilizado por uma inteligência orientada no sentido de um ramo do saber que mais e mais subtis faculdades de análise e de crítica require,— posta ao serviço de um objectivo que, realizado como está, fica sendo um monumento de elástica resistência contra a sanha irreverente e audaciosa dos tempos.

Eis em poucas linhas um rapido esboço bio-bibliográfico de uma das maiores sumidades científicas da nossa terra. Não é para as páginas desta revista, que dispõe de pouco espaço, uma análise documentada e meticolosa da obra de Gama Barros, pois a requeria largas colunas para considerações de vária ordem, além de que essa análise, já está feita, e magistralmente, pelo Sr. Fortunato de Almeida. A *Alma Nova* não podia deixar, porém, de consagrar-lhe estas singelas linhas, obedecendo ao dever de curvar-se reverente ante a memória gloriosa dêsse esclarecido filho de Portugal.

Lisboa, 1 de Setembro de 1925.

LUÍS SAAVEDRA MACHADO



FERREIRA DE CASTRO

A LAREIRA



E O NATAL



ALAREIRA é grave e austera — e tem êsse pardo-negro das coisas verdadeiramente velhas, das coisas que os séculos oscularam muitas vezes já. Sobre a lareira os utensilios de cosinha, onde se preparam as iguarias modestas, parecem brinquedos sobre uma lápide lutuosa. Como será o diálogo dêsses utensilios, quando o lume está acêso? As tenases dir-se-ão dispostas sempre a apanhar um peixe de fogo que hade saltar na lareira.

Em cima está o tecto, também revestido de luto, pela fuligem. Mas só a lareira ocupa tudo. Os bancos rústicos, a mesa e armário mergulham na sombra, revelando apenas uma face — essa que está volvida, em muda oração, para o altar da lareira, onde se queima o incenso da eternidade.

E a masseira é como uma urna aberta — que espera, que espera não se sabe que cadáver...

Os velhos amam o estar ali. E' ali, por debaixo dos troncos que se vão queimando, que a árvore da família deitou para sempre as suas raizes. E' ali, também, que está o Natal. O Natal está, verdadeiramente, na lareira. Tudo o mais são interpretações secundárias, elementos da civilização, invenções do homem ao longo da senda dos anos.

E' à lareira que está sempre uma velhinha a perguntar ao lume:

— O meu filho virá? Não virá?

E' da lareira que se levantam sempre os Pais, quando ouvem na estrada passos que se aproximam ou o rodar duma carruagem, na solidão da noite.

E' que o fogo faz reviver a vida morta, é que as labaredas vão ressuscitando ilusões perdidas, fantasmas pretéritos, sepultados em mui remotos sepulcros.

As labaredas teem um extranho poder criador:—há

nelas bailados russos, *toilettes* bizarras, expressões singulares, movimentos convulsos. A mão que açoita e a mão que acaricia, brotarão do coração em brasa duma labareda. E são as labaredas, grandes fábricas de brinquedos de Nuremberg, — elas desenharam perante os olhos meninos êsses brinquedos que êles esperam sempre do Natal.

Quantos cavalos de crina fulgurante e quantos bonecos extranhos fabricam todas as noites as labaredas!

E' também na lareira, bem junto ao fogo, que se sente a subtil gelidês dêsse grande manto branco que o Natal vai esfriando durante a longa caminhada — a neve.

Só se tem uma funda impressão da neve, quando esta é evocada perto do concilio das brasas,

— A aldeia deve estar toda branca!

E pensa-se:

— Agora os saltos das chancas devem quebrar espelhos por êsses caminhos...

Crispam-se as névoas — um estremecimento percorre todo o corpo e pode-se calcular até a densidade da neve, sua altura precisa, pelos campos além.

E é ainda ali, junto ao resplendor da lareira, que a ceia do Natal é verdadeiramente uma ceia de família.

Dir-se-á que o fogo levou todo um ano a cosinhar as iguarias — e os ausentes, aqueles que só volvem no Natal, têm a sensação de que não se realizaram ali outras ceias — e que, por isso, êles não estiveram distantes, porque aquela ceia é verdadeiramente a sucessora da ceia da véspera — e assim nenhum outro tempo se esvaiu pelos clepsidras da Eternidade.

Ai de quem não tem uma lareira, porque nunca terá um verdadeiro Natal!

POR

FERREIRA

DE

CASTRO

AOS NOSSOS JOVENS ESTUDANTES: PARA QUE SEJAIS "HOMENS"

II

A INFLUENCIA DO MEIO. OS HABITOS. A ATITUDE A TOMAR

PRODUTO que sois do meio, tendes naturalmente os defeitos do mesmo, como uma planta é mais ou menos bela, mais ou menos viçosa, quanto melhor ou pior é o ambiente em que cresceu e se desenvolveu.

Mas, sobre a planta, vós tendes a superioridade imensa de possuir uma vontade e, conseqüentemente, o poder de em vós dominardes o meio, para depois poderdes, mais facilmente, mais eficazmente e com mais direito dominá-lo fóra de vós.

Dominando-vos, pois, a vós mesmos é que podeis dominar os outros. Para isso um longo trabalho se impõe de vós sobre vós. Estais constituídos, formados, como seres humanos que sois, por determinados hábitos; a esses hábitos, que são variadíssimos — como seja, por exemplo, o de andar, o de ler, o de trabalhar, — e que, não falando nos herdados, se adquirem de muitas maneiras, — obedecem os actos.

Os hábitos somos nós que os criamos. Depende, pois, de nós criar hábitos maus ou hábitos bons. Trata-se por conseqüência de procurar adquirir os bons e evitar os maus, destruí-los (quando adquiridos ou herdados) por um esforço constante, persistente. Para realizar essa obra (a mais bela que é dada ao homem realizar), deveis conhecer-vos a vós próprios, estudar vos com muitíssimo cuidado (pois não é fácil ser juiz na própria causa), para tomar conhecimento dos hábitos maus que herdastes e adquiristes, aceitando de boamente os reparos que vos sejam feitos, procurando-os até.

Deveis adquirir a necessidade de vos transformardes, pôr nisso o maior entusiasmo, tendo em vista uma pessoa superior que tiverdes criação em espírito, como nas primeiras edades se criam seres fantásticos, fadas bemfazejas e príncipes encantados. Ao mesmo tempo, pois, que essa pessoa ideal se vai formando no vosso pensamento, deveis procurar realisá-la na realidade da vossa vida inteira. E' esta, sem dúvida, a obra que mais dificuldades apresenta. Tendes então de exercer a vossa vontade, essa formidável força — a mais nobilitante do homem, quando posta ao serviço dum ideal que o ultrapassa.

E' ela a principal arma contra os maus hábitos, contra todas as fraquezas; é ela que mais atesta o energia humana.

Foi ela que permitiu ao grande general francês, Turenne, no começo duma batalha, empregar a frase célebre, que se tornou como que o símbolo do domínio do homem sobre si mesmo: «*Tremble carcasse, tu en veras bien d'autres*»

E é uma grande e gloriosa batalha, que demanda muita coragem e portanto muita vontade, aquela em que se trata de vencer os maus hábitos.

Para adquirir essa vontade, deveis aprender a adquirir hábitos fáceis, simples, ou seja uma disciplina imposta a vós próprios, todos os dias, a todas as horas, relativa a coisas mínimas da vida: á hora do levantar, á hora do deitar, á maneira de falar, á maneira de tratar os livros, á maneira de estar, á maneira de andar. Não deveis guardar para depois o que pôde ser imediatamente feito; não deveis estar ociosos, pois a ociosidade é a maior inimiga da vontade e facilmente conduz ao relaxamento; não deveis permitir que outrem faça o que vos cumpre a vós fazer.

Assim, exercitando-vos na formação destes hábitos simples e relativamente fáceis, mais facilmente adquirireis bons hábitos, mais complicados, mais difíceis, que exigem muito maior esforço. Deveis afastar da vossa imaginação, todas as vezes que nela apareçam, os pensamentos que digam respeito ao hábito mau, contrariando-vos em tudo que não se refira á pessoa ideal que quereis realizar. Deveis

ainda escolher a companhia daquêles que tenham iguais desejos, ajudando-vos mutuamente nessa obra superior, pois nada de grande, de eficaz se consegue, sem uma forte cooperação, sem um forte auxilio mútuo. E assim como, quasi sem dar por isso, vos encontrastes com hábitos maus, encontrar-vos-heis com hábitos bons, perante uma nova individualidade, — uma personalidade. E então a alegria imensa, a sólida alegria de ser gente, de ser alguém, de ser *Homem!*

Mas quais são os hábitos maus e quais os bons? Como deverá ser essa pessoa ideal que se trata de realizar? Quem vos dirigirá nessa obra tão vasta?

Vós mesmos, o vosso espírito, no que êle tem de mais perfeito, ou seja, a vossa razão educada, muito cuidadosamente educada, porque o meio português tem artes de perverter os mais belos princípios, as mais belas intenções.

Um exemplo: estudar é um bom habito? É, mas há muitas formas de estudar: há o estudar que é idótila, que escravisa, que mata a viveza, a espontaneidade do indivíduo, que cria o horror ao trabalho (é essa quasi sempre a vossa forma de estudar) e o estudar que desenvolve a inteligência, que liberta, que verdadeiramente educa, que cria o amor ao trabalho. Vêem, portanto, que o caso não se reduz a meia dúzia de receitas de fácil aplicação. No entanto, em grande número de livros, na vida dos que foram *Homens*, podeis encontrar preciosas orientações, caminhos que guiem a vossa razão.

Assim, só assim, sereis homens dignos desse nome, homens verdadeiramente livres, ou seja, homens com a coragem de proceder em conformidade com o que a razão educada vos dita e não com o que o acaso, as circunstâncias vos oferecem, — homens úteis ao vosso país e portanto úteis a vós próprios, porque a mais sólida, mais duradoura prosperidade individual assenta na prosperidade social, que não é mais do que a soma das virtudes de cada membro da sociedade.

A atitude que vos aconselho que tomeis é a atitude verdadeiramente humana.

Para a sustentar tendes contra vós o meio, desvantagem enorme em comparação com os vossos colegas dos países verdadeiramente civilizados, que no seu meio social (aliás não isento de muitos e graves defeitos, fortemente o acentuado) encontram incitamentos de toda a ordem, noções salutareis, um condicionamento vtilizador, e numerosos exemplos de uma vida sã e forte.

Mas tudo a vontade vence.



A HISTORIA
de
TEIXEIRA LOPES

Obra prima duma ilustre escultor

Na figura da História, na sua tristeza profunda, mas ao mesmo tempo na esperança que traduz o seu olhar, está como que o simbolo do Portugal dos ultimos cento e tantos anos, em que, depois duma pavorosa decadência, os portugueses aspiram e lutam por dias melhores, procurando voltar a ser omens.

No cemitério ocidental de Lisboa, por detrás da igreja, sobre o túmulo do historiador Oliveira Martins, encontra-se, moldada em bronze, uma figura de mulher muito magra e muito triste; o seu olhar está fixo longe, muito longe, e na sua suave melancolia parece descobrir se uma esperança.

Nos joelhos segura abandonadamente um livro aberto, como se o tivesse acabado de lêr há pouco; pode-se vêr o título, são *Os Filhos de D. João I*, — essa pleiade de príncipes ilustres como outra nação jámais teve. Representa a *História de Portugal* de Oliveira Martins e é obra admirável do escultor Teixeira Lopes. Representa a alma da nossa pobre pátria de hoje, tendo nas recordações gloriosas do passado, na mágia que a dilacera do presente, a esperança de um futuro melhor.

Esse futuro está em vós, se vós quizerdes imitar o médico do exemplo que no anterior capítulo vos dei, se vós quizerdes ser *Homens*.

O
NATALDE
ANGELA

M.^{elle} Eugenia Cecilia
Abreu Gaupin de Sousa
(GENY)

QUEM compra um ramo de flores? — Quem compra? — Repetia a vozinha infantil e já rouca da Angela, que sobraçava um açafate chelo de violetas.

As montras resplandeciam de luzes e brinquedos que fariam a felicidade da criança mais exigente; senhoras sorridentes, envoltas em peles, passavam com as mãos carregadas de embrulhos; os homens das castanhas lançavam mais alto o seu pregão e havia na atmosfera, nas caras, no andar apressado dos transeuntes, qualquer coisa de festivo, que soava agradavelmente aos ouvidos de Angela.

— Oh, rapariga, estás tão cega que nem vês os *piruns!* — e uma mão brutal chamou-a à realidade, com um violento puxão de orelhas.

A pequena acolheu os ombros: — estava tão habituada a ser tratada assim!...

Quando chegasse a casa teria a madrastra a esperá-la com o mesmo correctivo, visto que nem um único ramo conseguira vender!

A dois passos dali estava uma vendedeira de palmo e meio de altura, bem mais afortunada do que a pobre Angela.

Trazia também um cesto; mas este tinha camélias, que uma senhora comprou logo, para pôr no regalo.

— Como hoje é noite de Natal, dou-te o dôbro pelas tuas flores, — e, fazendo uma ligeira festa na pequenita, afastou-se apressadamente. Desprendeu-se uma lágrima dos olhos negros de Angela:

— « Só a ela ninguém comprava nada! »

Noite de Natal, com repiques de sino, canções entoadas ao Menino Jesus deitado nas palhinhas! Sim, Angela lembrava-se vagamente de ter ido com a avó, à noite, rezar numa Igreja.

Quando chegaram a casa ela tirara-lhe os sapatos, que no dia seguinte apareceram chelos de brinquedos.

A avó morrera, e nunca mais lhe falaram no Menino deitado nas palhas, nem nos sapatos a abarrotar de gulozeimas...

Angela já nem sentia o frio, a recordar os tempos felizes da sua vida ainda tão curta! De repente atravessou-lhe o espirito a imagem da madrastra, e um arrepio de medo sacudiu-lhe o corpo débil.

Se ao menos naquela noite lhe perdoassem não ter vendido nada! Decididamente, o Menino Jesus esquecera-se dela, negando-lhe o quinhão de alegria que lhe competia na sagrada noite da Natividade.

Onde estava o velho das compridas barbas brancas, que batia à porta dos meninos bons, com um misterioso sacco aos ombros enregelados pela neve das estradas?! Naturalmente não sabia a morada da Angela, pois nunca lhe aparecera com o seu sorriso paternal, a entretê-la, contando as lindas histórias que só elle sabe.

O frio apertava, a pouco e pouco, torturando impiedosamente as pernas nuas da pequena.

— « E se eu fugisse?! Talvez que encontrasse pelo caminho o bom velho do Natal!... » — e a esta ideia Angela, deitando o chale para as costas, começou numa correria louca.

*

* *

A lua, escondida nas nuvens que toldavam o céu, espalhava uma luz de madrugada.

Angela corria sempre.

Afastara-se tanto que já nem ouvia o bulício da cidade. Levava os pés ensanguentados, mas a ânsia de fugir dava-lhe forças sobre-humanas.

Por fim, parou exausta.

Uma música, mágica e doce, vinda dum palacete próximo, vibrou como um murmúrio de prece!

Angela julgou morrer, tão desfalecida se sentia. Ante aqueles acordes divinos, transpareceu uma suave alegria no seu rosto.

Sonhava-se já a caminho do Paraíso, elevada nos braços de anjos que entoavam cores celestiais...

Levantou a cabeça e ficou-se a espeltrar por uma janela entreaberta, num deslumbramento mudo: ao melo dum salão, feérico de luzes e cristais, via-se uma árvore vergada ao pêso de mil coisas bonitas.

E Angela desmaiou com um sorriso nos lábios róxos, como as violetas que apertava contra o peito.

*

* *

Esfregando os olhos, para ter a certeza de que não sonhava, Angela viu-se numa sala aquévica por um lume crepitante, onde variados brinquedos a deixavam na ansiedade da escôlha.

*

* *

Angela hoje é feliz em casa da generosa gente que a encontrou caída na estrada, meio morta de frio.

Nunca mais vendeu flores pela rua, nem sentiu a neve dos caminhos, e já acredita que Deus não se esquece de recompensar generosamente os desprotegidos da sorte, na bem aventurada noite de Natal!

P O R

G E N Y

SAGRES

A L T A R

D A

P Á T R I A

P Á G I N A

D O

A L G A R V E

SAGRES

O MONUMENTO

A O

I N F A N T E

COMEMOROU, em 25 de Outubro p. p., o seu primeiro aniversário, o «Centro do Algarve», no Rio de Janeiro, que realizou, por esse motivo, uma brilhante sessão solene, tendo sido convidado para orador oficial o director da revista «Portugal», sr. Rui Chianca, que fez, num discurso por todos os títulos notável, o elogio do Algarve.

Saudando, como algarvio que somos, o vigoroso escritor, finíssimo poeta, alto dramaturgo e sincero patriota, transcrevemos, com a devida vénia, a emocionante narração duma visita feita pelo mesmo ao Promontório de Sagres. Eis o formoso trecho:

«Apesar de estarmos no coração do inverno e sob a violência de um vendaval, que se desencadeára na véspera; apesar de haver notícia de árvores arrancadas e postes caídos, não me foi difícil descobrir um cocheiro ousado, aventureiro e alegre, que me levasse nessa mesma noite ao Promontório Sacro. De noite e com vendaval é que eu sonhára conhecer o Infante.

A chuva cessára quando partimos. Só o vento cantava ameaças ao longo das estradas desertas, cerrando cortinas de nuvens sobre o foco de prata da lua cheia.

A um dos lados, vestidas de branco, as amendoeiras floridas pareciam noivas a caminho da igreja; do outro, saindo da terra ensopada e revolta, emergiam contorcionados, esqueléticos, em atitudes trágicas, os troncos nus das figueiras anãs, como dedos descomunais de bruxas enterradas em vida, na contracção desesperada do último arranco duma agonia fantástica.

E os silvos do vento a insultarem a serenidade do luar; e as contorções das figueiras desnudadas numa revoita macabra contra o noivado alvinitente das amendoeiras floridas, eram para a minha alma aspectos novos, materializados, vivendo e sofrendo, sorrindo e bramindo, dos dois princípios da vida: — o princípio do Bem e o princípio do Mal! O génio que cria e o génio que destrói: — O Infante a sonhar e o Infante a sofrer. Porque o mistério espiritual de D. Henrique está nesta constante oscilação entre os sonhos dos descobrimentos e as amarguras da sua realização.

Pouco antes de Vila-do-Bispo já se ouvia o roncar do Oceano. A's três horas da manhã pisava eu a rocha nua da Promontório e lançava a primeira pergunta ao mistério indomável do Mar.

Que maravilhoso espectáculo!

No chão, sob os meus pés, resfolgava, como ciclope vencido, o descomunal rochedo. Aos corcovos, de arrancada furiosa, espumando raivas titânicas, a cavaigada das ondas batia a rocha do Cabo, saltava, gritava, rugia, escalava, desfeita em espuma, a sentinela do Atlântico; vencida, tombava gemendo; recuava sombria e domada, para tornar a saltar com fúria nova e desespero maior!

E ali, sózinho em face do *Mare Nostrum*, que então fôra tenebroso mar, encantado e lendário, maravilhoso e terrível; no mesmo altar onde o Infante descobridor sacrificara à Pátria a chama do Génio, a arder como um farol sobre os elementos desencadeados; ali, Santo Deus, nessa hora, eu compreendi Portugal e o seu Infante!

Não! Sem o Algarve e sem a rocha de Sagres não se entende completamente a nossa epopeia marítima!

Se as terras d'Além Douro foram a cabeça e a orlgem da nacionalidade; confirmada na *Extremadura* com a batalha épica d'Aljubarrota; reafirmada no *Alemtejo*, campo glorioso da nossa restauração; recomeçada nas *Beiras*, onde se quebrou no Bussaco o orgulho do invasor francês, como outróra nos Herminios de Viriato se quebrára o do invasor romano; se a cada provincia coube um principal papel na construção dessa obra de immortalidade, que se chama Portugal, ao *Algarve* pertence a glória de ter dado aos descobrimentos: — o ambiente propicio ao génio sublime do Infante, o trono magestoso para o vôo da grande águia e os navios e os homens: — os frágeis varinéis de pesca e as rijas almas dos pescadores de Lagos, de Olhão e de Vila Nova!»

RUI CHIANCA

Eis uma linda e patriótica iniciativa algarvia, que desde há muito devia de ter encontrado um eco de entusiasmo em cada coração português: — a erecção dum monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres.

Levantar um monumento ao Infante, nos próprios rochedos onde este viveu e meditou e donde abaiaram a conquista do Grande Mar as primeiras caravelas iusadas, não é apenas um dever dos algarvios, é um dever nacional — e impõe-se.

O distinto oficial de marinha sr. Sebastião da Costa, nosso querido colaborador e uma das mais altas figuras intellectuais do moderno Algarve, escreveu-nos há tempos de Macau uma curiosa carta em que nos dá, de passagem, a sua opinião sobre o assunto:

«*Meu Ex.^{mo} amigo...* No «Correio do Sul» li os seus artigos sobre nosso Algarve, que sempre tanto carinho lhe merece, e no que se refere a Sagres lá vi citada a hipótese que fiz sobre a rosa dos ventos construída com pedras sobre o terreno, e ensinei ao meu hospedeiro José Luis que lha repetiu, sem dizer de quem aprendera. A explicação que êle me apresentara, e a gente do lugar parece tinha adoptado, era a de ser a representação do Sol, por ter havido em tempos prehistóricos naqueles arredores um povo adorador do Sol.

Depois de rebuscas e uma conversa com o Dr. Leite de Vascelos, pôs completamente de parte esta explicação. Um dia, lendo numa das crónicas (não me recordo agora qual) aquella passagem em que o criado que D. João I mandou a Ceuta, como espia, para informar sobre a fortaleza, desenha sobre a areia, com pedrinhas, a traça dos muros de Ceuta, lembrei-me que o que vira em Sagres era da mesma natureza e passei daí para a hipótese que aquella gente, positiva e realista nas suas concepções e representações, teria assim realizado a maneira de representar a rosa dos ventos e a forma simples de ensinar a carteação da agulha aos alunos piotos.

Numa conversa que depois tive com o Dr. António Barbosa, veio a este nosso amigo igual ideia, o que mais fortaleceu a minha suposição.

Tencionava trazê-la um dia a público com outras investigações que fiz *in-loco* e me levaram ao convencimento de que a escola do Infante foi de facto em Sagres, como a tradição transmitiu, apesar das dúvidas recentes dos Srs. Joaquim Bensaude e Dr. Jalme Cortesão. Um dia com vagar direi o que me ocorreu nas minhas meditações de dois anos, em que fui director da Estação Radiotelegráfica Naval do Infante D. Henrique. O problema é muito interessante e muito desejava que se fossem encontrando documentos escritos que o esclarecessem. Já se terão encontrado na minha ausência?

Aqui, os algarvios iniciaram uma subscrição para um monumento ao Infante, em Sagres, alguma coisa como eu sonhei quando era aspirante e por já passava, à vela, na corveta de instrução: uma figura gigante de bronze apontando o caminho da Índia e relembrando aos marinheiros de todas as nacionalidades que por ali passam (às centenas todos os dias) quem fôra o iniciador das navegações oceánicas.

O tenente Rebeca, que para aí voltou já, foi um dos entusiastas; não sei onde vai esta ideia.»

A «Página do Algarve», aqui mensalmente aberta a todas as boas iniciativas que sirvam para glorificar e tornar conhecida a nossa linda e amada provincia do extremo sul, não podia deixar de colocar-se á disposição dos propugnadores de tão formosa quanto ennobrecedora ideia.

O benemérito e saudoso investigador, dr. Ataíde Oliveira, a quem os Algarvios tantos e tão preciosos documentos sobre a história da provincia devem, mas de quem todos se parecem haver depressa esquecido, esse simpático e culto velhinho, que foi um dos grandes e bons amigos da «Alma Nova», já apresentára também, há cerca de vinte anos, na sua magistral biografia de D. Francisco Gomes do Avelar, opinião muito semelhante.

Aos nossos grandes escultores deixamos a indicação.

MATEUS MORENO

NOTAS DO MÊS

SAAVEDRA MACHADO

E' nos últimos dias de Janeiro próximo, em data que será prèviamente anunciada, que se realiza o almoço de homenagem ao pintor Saavedra Machado, promovido por um grupo dos seus amigos, de que fazem parte literatos, médicos e artistas.

Trabalhador incansável, modesto e quasi retraído, vivendo apenas para a sua arte e para o amor duma filhinha que adora, poucos, como o nosso director artistico, têm sabido pouco a pouco firmar o seu nome, — nos tempos que decorrem — sem cartas de empenho ou exhibicionismos, que sempre detestou, bastando-lhe apenas que a alguns dos seus melhores trabalhos, tenham, em successivas datas, prestado palavras de aprêço e de justiça, homiêns como Columbano, Leite de Vasconcelos, Henrique de Vilhena, Prof. Sayce, Augusto de Castro, Aquilino Ribeiro, Malheiro Dias, e outros.

Nas manchas de pintura (de paisagem ou de natureza morta); nos desenhos, nos retratos e até nas mais desprezenciosas illustrações de character decorativo, que Saavedra Machado vai espalhando com prodigalidades de nababo pelas capas de diversos livros e



(Auto-retrato de Saavedra Machado)

revistas, há sempre uma nota de arte e de pessoalismo. Mas Saavedra Machado é hoje, principalmente, um dos melhores e mais estranhos reveladores da alma e da dôr das coisas simples e humildes. Aqueles que mais de perto com êle convivem, esperam resolvê-lo a expôr, dentro de algum tempo, os seus trabalhos dessa feição.

Camarada leal, espírito desempoeirado e livre, no qual até as concepções de arte mais avançada recebem sempre acolhimento franco, é também, quando quer, um organizador ponderado e competente, como o demonstrou dirigindo a bela exposição de arte promovida pela «Alma Nova», em 1917, e ainda, recentemente, com a organização artistica do «In-Memoriám» de Camilo.

Mal restabelecido ainda duma doença grave, é bem merecida a homenagem que vai ser prestada a Saavedra Machado, cujo nome o Ministério da Instrução abrangeu há pouco em duas portarias de louvor, e que, desmedalhado na sua terra, conseguiu, expondo trabalhos antigos, obter de chofre a medalha de prata num certame de arte internacional.

MADRINHAS E AFILHADAS DA «ILUSTRAÇÃO LATINA»

Despertou grande interesse a noticia que demos no número passado sôbre a nossa futura organização, referentemente ás nossas «Madrinhas». Recebemos aplausos e protestos, quanto ao *modus faciendi*. Algumas senhoras, que teem simpatia e dedicação pela nossa revista, sentem que o facto de já serem casadas as iniba de serem nossas «Madrinhas»; algumas jovens, que nos são também muito dedicadas, acham demasclado austero para elas o referido encargo.

Acedendo a tão preciosas indicações, fica remodelado o nosso anterior plano, da seguinte forma, no que respeita á escôlha das «Madrinhas» e nomeação de «Afilhadas»:

— em todas as cidades, vilas ou localidades importantes de Portugal; em todas as capitais de estado do Brasil e capitais doutros países, de que especialmente nos vamos ocupar, terá a *Ilustração Latina* uma «Madrinha», escolhida entre as senhoras de maior distincção local e maior dedicação á nossa revista, e tantas «Afilhadas» quantas distintas jovens colaborarem comnôco, quer na parte literária ou artistica, quer na parte social e de propaganda.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Primoroso retrato de Saavedra Machado, para o seu livro, a publicar, sôbre o «Desenho e as Mulheres» na obra do grande caricaturista

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO IMPERADOR DO BRASIL

Para comemorarmos esta grande data do Brasil, tinhamos solicitado do illustre poeta brasileiro Mário d'Artagão (dr. Antônio da Costa Correia Leite) um artigo ou uma poesia sôbre D. Pedro d'Alcantara, hoje cognominado o primeiro dos brasileiros.

Tendo acedido gentilissimamente àquele nosso desejo, mas impedido, pela gripe, de mandar a sua colaboração com maior antecedencia, só quando este número ia a entrar na máquina Mário d'Artagão nas poude enviar um magnífico trabalho em prosa, de que estamos na posse e reservamos, com o seu consentimento, para a *Ilustração Latina*, assim como o retrato do autor.

E' uma página admirável, de sobêrbo recorte literário, comovida e comovedora, paralelamente dum alto poeta e dum brilhante prosador, e que a *Ilustração Latina* publicará com grande honra e infinito prazer.

Por isso, neste número, apenas fazemos acompanhar a máscara do grande imperador dalgumas palavras do nosso director Alcantara Carreira, rápidamente escritas á hora em que julgávamos que Mário d'Artagão, pelo seu estado de saúde, nos não poderia atender.

A ENGENHARIA NAS COLÓNIAS

O

CONFERÊNCIA DO VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

O MELHOR título para esta conferência, começa por dizer o Ilustre professor, seria «O papel dos Técnicos na Obra Colonial», porque em realidade, não é só aos engenheiros que as colónias oferecem um largo campo de actividade, mas aos técnicos em geral, qualquer que seja o ramo a que se dediquem: florestal ou mineiro, agrícola ou pecuário, civil, mecânico ou eléctrico.

E, quando diz técnicos, não se refere apenas aos dirigentes superiores, porque todos, engenheiros, contramestres ou operários, são ali igualmente indispensáveis.

«Na lucta colonial que caracteriza o momento presente, mais do que nas metrópoles, as élites são necessárias nas colónias. Só no dia em que as colónias viverem intensamente no coração e na mente de todos os portugueses, só nesse dia Portugal será verdadeiramente um país colonial.»

Com numerosos factos, mostra o papel preponderante que tem tido os técnicos e continuam a ter, cada vez mais, na formação dos grandes impérios coloniais, sendo exemplo: as explorações industriais, desde o fabrico do papel, em Malaia, até às minas de petróleo, em Burma; as fábricas de açúcar da Maurícia e o aproveitamento do Jordão para electricidade e irrigações na Palestina; as barragens no Nilo e as culturas algodoeiras no Sudão; as fábricas de tecidos do Chipre e as explorações de tabaco no Niassa; as fábricas de óleo, na Nigéria, e as minas da Rhodésia; as plantações de cacau nas Honduras e da resina na Guiana; e, nas grandes colónias inglesas, os caminhos de ferro electricos e os canais do Canadá; a indústria da pasta de papel em Quebec e a exploração dos jazigos de carvão e de prata na Nova Brunswick; as explorações mineiras da Nova Gales do Sul; as manufacturas da Austrália Meridional; as explorações florestais na Queenslandia e as minas de ouro da Austrália Occidental; as minas de ouro e diamantes na África do Sul; as minas de carvão na Índia e as obras de irrigação, que já ali abrangem 48 milhões de hectares.

«O trabalho mais variado se oferece, assim, inexgotavelmente, por toda a parte aos técnicos de todos os ramos: — estradas a abrir, vias férreas a construir, florestas a abater, terrenos sem fim a irrigar ou a lavar, riquezas sem conto a arrancar à terra.

«Mas, pondera, à medida que o desenvolvimento dum país se accentua, crescem as dificuldades de mão de obra».

Para isso, crê necessário desenvolver o correspondente emprêgo da maquinaria, que não só chega a reduzir de 70 a 80 % a mão de obra, mas ainda multiplica muitas vezes a produção.

A «Union Minière» do Alto Catanga e a «Furminière», nas instalações das minas de diamantes do Cassai, tem empregado os maiores esforços no intuito de se dispensar, tanto quanto possível, a mão de obra.

«A «Compagnie Cotonnière Congolaise», que já tinha no ano passado 24 oficinas de descaroçamento de algodão, vai instalar este ano 28, equipadas com o material mais moderno.

«As «Hulleries du Congo Belge», que pertencem em grande parte à firma inglesa «Lever Brothers», conseguiram, por meio de instalações aperfeiçoadas, mais que duplicar a extração de óleo e reduzir a mão de obra em mais de 77 %.

«Com a adopção de maquinaria em explorações agrícolas, os

resultados obtidos são também formidáveis. As companhias de transportes, quer fluviaes, quer de caminhos de ferro, estão igualmente fazendo um grande esforço no sentido de remodelar todo o seu material, tendo em vista não só o aumento e comodidade de tráfego, mas também e muito especialmente, uma economia de mão de obra.»

«Nos trabalhos de abertura de estradas, a adopção de maquinaria permite à «Société Africaine de Construction» uma economia de mão de obra de 81 %.

«Nas Ilhas da Régie vai fazer-se o carregamento automático dos wagons, e a «Fourminière» vai construir, ainda este ano, uma central hidro-eléctrica com o fim de electrificar as suas linhas de serviço.

«Os franceses e Irlandeses tem feito, também, nas suas colónias, importantes melhoramentos, servindo-se de técnicos seus.

«Pelo que respeita às colónias portuguesas, são todas susceptíveis de um largo futuro, se às suas explorações presidir uma orientação scientifica.

«Indústrias de conservas de peixe, em Cabo Verde e em Angola, e para as quais se pode dizer que a Africa toda, constituiria um enorme mercado; indústria de oliaginosos na Guiné e em Angola; culturas de trigo no planalto de Benguela, e cultura e tratamento de algodão no de Malange; explorações florestais no Mayombe e de tabaco no Zaire e Malange; explorações de fibra, de açúcar, de linho, em quasi toda a colónia de Angola.

«Moçambique é uma provincia riquissima e se muito já está feito, muitissimo há ainda por fazer. Com a fecundidade do solo e do sub-solo e os portos que possui, Moçambique está destinada a um largo e próspero futuro.

«Macau, pode ser a porta de todo o sul da China, e Timor só espera uma exploração intensiva das riquezas agrícolas, pecuárias e mineiras, que possui.

«Em resumo, é enorme o trabalho a executar, em todas as nossas colónias, onde bem se pode dizer que a tarefa está apenas esboçada.

«Já se fez muito, é certo, mas é triste verificar que as empresas espalhadas pelas colónias portuguesas, não estão entregues, na sua maioria, a técnicos, e a razão está unicamente em que o nosso pessoal técnico não enveredou ainda para as colónias. E' pois, necessário fazer a sua educação colonial.

«Em parte alguma os técnicos portugueses terão mais proveitoso campo de trabalho, porque, em parte alguma, a natureza responde mais largamente ao esforço feito em a valorizar.

«Todos os dias se descobrem novas matérias primas de que é preciso procurar aperfeiçoar a utilização. Novos problemas surgem, novas applicações práticas da sciência aparecem, a cujo estudo são chamados técnicos de todos os ramos.

«A obra que a humanidade tem ainda a realizar é gigantesca e só um meio existe, para a levar a cabo: o trabalho, um trabalho perseverante, inteligente e honesto.»

E termina o ilustre professor: «Se é verdade, na frase de Pasteur, que, de todos os povos, os maiores serão sempre aquêles que mais se distinguem pela intelligência e pelo pensamento, é também verdade que o primeiro lugar pertencerá aos que souberem, com um conhecimento mais perfeito dos segredos da sciência, realisar-lhe com mais felicidade as applicações práticas.»

DEDICAREMOS uma página especial, no próximo número, ao patriótico movimento DE DEFESA E PROPAGANDA do nosso património ultramarino, iniciado pelas academias de Lisboa, Porto e Coimbra.

EM MARÇO PROXIMO

«ILUSTRAÇÃO LATINA», — PUBLICAÇÃO MENSAL

OS NOSSOS COLABORADORES

DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO



(Des. de Saav. Machado)

O consagrado autor dos *Epicurismos* e da *Torre de Babel*, acaba de publicar um novo volume, — «Sob a Cinza do Tédio» em que nos revela um dos «facies» mais brilhantes do seu espírito cultíssimo. Livro de emoções e de análise, profundo e moderno. Autobiografia crítica notável, pela viveza do descritivo; romance de requintado sabor literário, pela verosimilhança das figuras criadas. Romance e biografia de uma alma sedenta de ideal, mas completamente identificada com as inquietações do seu tempo.

Uma pequenina nota, umas simples frases do capítulo final, dão uma perfeita ideia do carácter elevado deste livro. Ei-la: «Se o leitor amigo — e é verdadeiramente amigo o que neste tempo de Jazz-band, cinema e foot-ball transpõe tantas páginas supérfluas, só à procura dalgumas magnificências de alma superior — se o leitor amigo, e preguiçoso também, me incumbisse de extrair a moralidade desta biografia, eu limitava-me a aconselhá-lo a que não filosofasse. A vida devemos aceitá-la como é, sem a discutir, sem a tentar interpretar. Evitemos os delírios do pensamento e subordinemo-lo ao amor e à acção. Poderoso e fecundo emquanto intelectualisa e enriquece a vida afectiva e emquanto se norteia para utilidade, ele é o grande inimigo logo que nos inspira a cubiça de transcender a condição e as misérias do barro frágil. E se és cristão, leitor amigo, lembra-te de que Deus tudo perdoará ao arrependido, que mesmo atufando-se em maldade se não desumanisa nunca, menos o delírio de explicar o mundo. Querer dominar o universo pelo pensamento é querer de algum modo ser igual a Deus».

Fidelino de Figueiredo foi feliz, bastante feliz, e o que é mais, artista na exposição das suas teorias filosóficas. Todo o livro se lê assim com um crescente interesse e espiritual agrado. Felicitamo-lo. A edição é da Empresa Literária Fluminense, Ld.^a, Rua dos Retrozeiros, 125 — Lisboa. — M.M.

DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

A «Alma Nova», agradecendo as palavras que o sr. dr. Leite de Vasconcelos nos dirige, no *Preâmbulo* do seu novo livro — «A Barba em Portugal» —, do qual damos a seguir um excerto, saúda o sábio arqueólogo e douto mestre, não só pelo valor do seu curioso trabalho, mas também pela sua gentil atenção para connosco.



(Máscara de Saavedra Machado—1916)

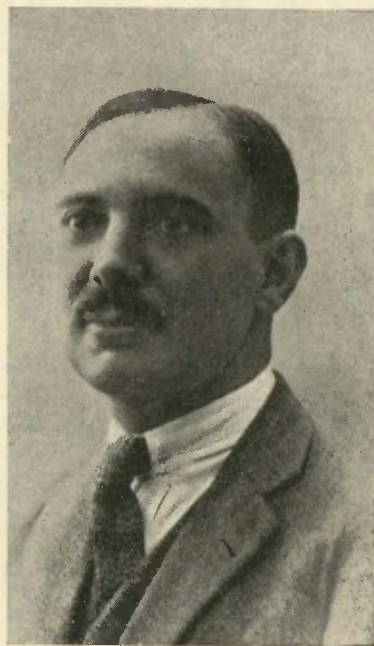
A BARBA EM PORTUGAL

A uma obra de Etnografia Portuguesa em que, a par de outras, labuto há muito, pertence um capítulo dedicado ao vestuário antigo e moderno, e *ipso facto* à barba (liv. III, pt. 1.^a, série B, cap. 4). João Saavedra Machado e Mateus Moreno, directores da *Alma Nova*, pediram-me que preparasse para o prelo o capítulo, e o publicasse como artigo, e com desenhos, naquela revista. Acedendo de boa mente ao pedido, comecei, em Janeiro do corrente ano, a preparar o capítulo, isto é, o artigo, e porque era destinado a uma publicação periódica, entendi dever dar-lhe forma própria, e juntar-lhe algumas notas comparativas, para o tornar mais atraente. A pouco e pouco, porém, o assunto foi-se-me dilatando de mais, para que coubesse na *Alma Nova*, e resolvi, com adição de novos desenhos, publicar o artigo no *Boletim de Etnografia*, consagrando-lhe um número inteiro desta revista, e oferecendo á *Alma Nova*, em compensação, outro trabalho menor. Por fim vi que nem o *Boletim* comportaria o assunto, de tanto que cresceu, e decidi-me por consequente a tratá-lo em um livro, de cuja edição approvei a Imprensa Nacional incumbir-se. Este é o livro que o leitor tem aqui de frente, o qual está dividido, ele mesmo, em capítulos:

I—A BARBA ANTROPOLOGICAMENTE; II—FEITURA DA BARBA; III FÓRMAS E CORTES DA BARBA; IV—A BARBA NO DECURSO DOS TEMPOS; V—SIMBOLISMO DA BARBA; VI—A BARBA NO LEXICO E NA LITERATURA; CONCLUSÃO.

J. Leite de Vasconcelos

DR. LUÍS A. GUERREIRO J.º



(Photo-Arte)

Distinto médico, chefe de serviço de Anatomia e encarregado do curso de Anatomia Topográfica, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, o dr. Luís A. Guerreiro Junior, eleito deputado por Evora, na última candidatura, é não só um dos mais devotados amigos e colaboradores da *Alma Nova*, mas também uma figura de inegáveis merecimentos, tanto na ciência como na clínica portuguesa.

A dedicação e muito acerto com que tratou, na sua incómoda doença de quasi três meses, o nosso camarada de direcção J. Saavedra Machado, tornam-no fiador do nosso melhor reconhecimento e simpatia.

Eis — *curriculum vitae* — algumas das suas interessantes notas biográficas:

O dr. Luís Guerreiro Junior nasceu em Evora, a 31 de Agosto de 1891, e concluiu o curso de medicina em 1919, com distinção em quasi todos os exames, tendo sido o aluno mais classificado em Terapêutica e Patologia Interna.

Fez acto grande em 1920, com a tese «Dois Trabalhos de Anatomia», obtendo também a alta classificação de 19 valores.

Na Faculdade de Medicina de Lisboa e no Instituto de Anatomia da mesma Faculdade, tem prestado relevantes serviços, havendo sido por esse motivo oficialmente louvado em 28 de Março de 1922.

E' sócio efectivo da Sociedade de Ciências Naturais, e alguns dos estudos que tem publicado estão traduzidos em francês.

Os seus amigos pessoais e políticos, em homenagem às suas qualidades, resolveram oferecer-lhe um banquete, que terá lugar muito brevemente.

Aqui lhe reiteramos as nossas saudações por todos os seus justíssimos triunfos.



DR. ANTONIO FERREIRA MONTEIRO
(Desenho de Martinho da Fonseca)

TRINTA ANOS môços, cheios de belas afirmações, e três livros formosos — «Noites de Narciso», «Misteriosa Graça» e «Mar das tormentas», — eis Ferreira Monteiro, um dos melhores valores da nova geração. Livros concluídos e prontos a serem publicados: «Sob a Arvore da Vida», colectânea de poesias; «A Fôrça da Mentira», peça em prosa (entregue no Nacional), e uma série de poemas iuspirados numa recente viagem do autor através de Madrid, Toledo, Granada, Sevilha, etc., de que faz parte o soneto que hoje damos.

NO ESCORIAL

Não há linha que diga suavidade,
Enlêvo, alada graça, ou formosura,
Nessa tua severa arquitetura
Que simbolisa a Regra, a Autoridade!

Cárcere enorme, viva sepultura,
Entré cêrros de agreste hostilidade,
E's a imagem, em pedra, da Vontade
Que, em trágico delírio, se enclausura!

Além dêsse teu nome, — Escorial,
Há ainda outra palavra — «Pesadumbre!»,
Para a tua grandeza sepulcral.

Causas-me assombro e mêdo, se te escuto!
E a Espanha dos contrastes, num vislumbre,
Surge em ti, cadavérica e de luto!

(Inédito)

Antonio Ferreira Monteiro

O O O O O

NOTAS SUBSIDIARIAS PARA UMA

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA

Pelo capitão JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUESAS — TITULO II. — LIVROS (VERSO)

- 220 ESAGUY (José)—«Oração á Pátria»—folha dobrada em 10. Tip. de Augusto Rodrigues Brito, Lisboa, Maio de 1918. Edição da Livraria Ferreira, Lisboa.
- 221 FERNANDES MARTINS (Alfredo)—«Na abalada»—folha 59 p. Tip. Neves, Coimbra, 1916. Edição da Livraria Neves, Coimbra, com um prefácio-dedicatória, em prosa, do autor: «Soldados portugueses».
- Dividido em 6 partes: Evocação; A's mais portuguesas; Hora suprema; Juramento; Na abalada e Hino á guerra.
- 222 FIGUEIREDO (Pereira de)—«O Serrano — Poesia comemorando o trágico combate do 9 d'Abril e a entrada na Batalha dos Soldados Desconhecidos»— folha 14 p. c. il. com uma vinheta, Tip. Francisco França Amado, Coimbra, 1921. Edição da Empresa Internacional Editora Lumen, Lisboa.
- 223 GOMES DO CÉU (António)—Soldado observador n.º 452 da 2.ª companhia do Batalhão de Infantaria 7 do C. E. P.— «Recordações da Grande Guerra. Nova colecção de versos feitos nas trincheiras de Neuve-Chapelle»—folha 4 p., Tip. Leiriense, s. d. (Cinco fados: Não sei porque vim para a guerra; Na ansia da batalha; O valor dos artilheiros; Por me chamarem poeta; Fado do piolho (paródia ao Fado do cigarro... que nunca chegou ás trincheiras).
- 224 GUIMARÃES (Deffim)—«Aos soldados sem nome»—folha 12 p., Imprensa Lucas, Lisboa, 1921. Edição da Livraria Guimarães & C.ª, Lisboa.
- 225 JESUS (Quirino de)—Lusa Epopêa—Tomo I—298 p., Tip. da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», Lisboa, 1921.
- 226 LEITÃO (Acácio)—«No dia da chegada das cinzas dos Soldados Desconhecidos ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória»—folha 4 p. s. n. c. il., Tip. Central, Leiria, 1921.
- 227 MADURO DIAS—«Redondihas aos Soldados Desconhecidos»—folha 12 p. s. n., Tip. da Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1921. Edição da mesma livraria.
- 228 MARQUES d'AZEVEDO (António)—«Avante—Sonetos patrióticos»—folha 10 p., Imprensa Moderna, Porto, 1915. Edição da Livraria Chardron de Leio & Irmão, Porto, (9 sonetos).
- 229 MATOS (Artur de)—Alferes de Infantaria—«De longe—Quadras feitas nos campos da batalha»—folha 56 p., Biblioteca do Povo (Henrique Torres), Lisboa, s. d. (48 quadras).
- 230 «LIGA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA. Inauguração oficial da Agência em Vila Real. Série de poesias oferecidas á mesma Agencia. 9 de Abril de 1925.»—folha 8 p., Imprensa Artística, Vila Real, 1925.
- (Contém: 3 composições poéticas de Carlos de Barros, Marius Sabinus e Afonso de Castro. Inclue, em folha solta, o «Hino dos Combatentes da Grande Guerra», versos de Carlos de Barros).
- 231 NUNES DA MATA (Fiiipe)—(Vice-Almirante)—«Ás armas, cidadãos, correi ás armas!»—Panfleto 7 p., Tipografia e Imprensa da Livraria Ferin, Lisboa, 1916. Tem 2.ª edição, ainda em 1916, e 3.ª em 1918, esta última da Tipografia Caldense, Caidas da Rainha.
- 232 IDEM—«Pátria, Humanidade e Liberdade»—folha 7 p., Tipografia e Imprensa da Livraria Ferin, Lisboa, 1916. Tem 2.ª edição em 1918; na capa-frontespício, como epigrafe, os 3 últimos versos da primeira estrofe.

EM 1 DE MARÇO: «ILUSTRAÇÃO LATINA»

TEATROS

AS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES E A CRÍTICA—RAZÕES DA NOSSA CRISE—
ORIGINALS NOVOS — SAMWELL DINIZ E «O PRINCIPE JOÃO», EM S. CARLOS
— «AS DUAS METADES», DE ZORZI — UM OPTIMO TRABALHO DE AMELIA
o o o REY COLAÇO E ROBLES MONTEIRO — DUAS VISITANTES o o o

O TEATRO Português! Quem há por aí que o não blasfeme e menospreze? Quem há por aí que o não considere uma ficção?!...

E, todavia, é uma flagrante injustiça. Ainda há artistas e ainda há dramaturgos. O que não há é publico convenientemente censor, nem critica imparcialmente aferidora dos valores, no acto da primeira representação.

No seu curioso livrinho, «La Vie d'un théâtre», conta-nos Paul Ginisty, que escrevendo Dumas Filho sobre a influência do acolhimento das «premières» na vida duma peça, de certo modo põe acima das malevolências, malevolências muitas vezes ocultas, da crítica, a justiça espontânea da grande massa.

Eis uma conversa estenografada numa dessas noites, pelo popular escritor e glorioso dramaturgo francês:

- «Eh bien, la pièce de ce soir?
- Très remarquable.
- Ça fera-t-il de l'argent!
- Non.
- Pourquoi?
- Je n'en suis rien.
- C'est mal joué?
- Très bien joué.
- Alors, ça ne fera pas d'argent, voilà tous ce que je puis dire.

Ça en fera peut-être à la reprise, si on reprend la pièce.

Ou então:

- Eh bien, la pièce de ce soir?
- C'est idiot.
- C'est tombé, alors?
- Non, un succès à tout rompre.
- Il ne faut pas y aller?
- Si, allez-y, il faut voir ça.
- Pourquoi?
- Je n'en sais rien, mais il faut voir ça.

E' assim, a voz anónima, impessoal, a própria receptividade emotiva do público, o que decide se uma peça se deve manter no cartaz ou não.

E a afirmativa faz-se lei: «Je le déclare, — diz o citado escritor — je n'ai jamais vu ce public injust, méchant, ni bête. D'une masse d'hommes, réunis pour rendre un arrêt dans les choses de la conscience et de l'esprit, il se dégage une moyenne qui est toujours la justice».

Entre nós tal juízo podemos tomá-lo como norma? Não. Não é sómente a crítica que se encontra dividida, mas até o próprio público, dada a pequenez do nosso meio. A desproporção é, portanto, enorme, não só nos valores, mas até nos juízos.

«Perdida a acção orientadora sobre o público, escrevia há pouco o sr. Hipólito Raposo, nem já quando falamos com acerto, são ouvidas as gazetas, todas incapazes de impor uma peça boa que não agrade ou de cortar a carreira a qualquer mistificação industrial, bem acolhida pela massa dos espectadores.»

Não seremos tão ásperos para o crítico de teatro, como o illustre escritor, que o vamos confundir com «o garoto que cola as cintas», mas não deixaremos de registar que a falta de crítica é que tem, sobretudo, gerado a falta de teatro.

O sr. Santos Tavares, commissário do Governo junto do teatro Nacional, replicava há dias assim, a algumas afirmações de Avelino de Almeida: «Quanto à forma tantas e tantas vezes desabrida, como a crítica recebe a nossa produtividade dramática, são alguns dos nossos mais brilhantes escritores quem documenta a minha afirmativa. E' Julio Dantas, figura de alto relevo nas letras portuguesas, que não deseja de há muito, como êle próprio me confessou, entregar à apreciação habitualmente desgraciosa de certos críticos, novos trabalhos dramáticos; é Augusto de Castro, espirito de rara scintillação e elegancia, que, por motivo de identico escrupulo mental, derivou a sua

CARTAZ DO MEZ

TEATROS

S. CARLOS—A's 21,15 — «O príncipe João».
NACIONAL—A's 21,30 — «A Severa».
GINASIO—A's 21,30 — «Vida e Doçura».
S. LUIS—A's 21,15 — «Flor do Tojo».
TRINDADE—A's 21,15 — «Opereta «Cló-Cló»».
APOLO—A's 21,15 — «A Taberna».
AVENIDA—A's 21,15 — «O Pão de Ló».
POLITEAMA—A's 21,15 — «Raparigas de hoje».
MARIA VITORIA—A's 20,30 e 22,30 — «Foot-ball».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21 — Companhia de circo.
SALÃO FOZ—A's 14,30 e 20,30 — Variedades e cinema.— «O Pírolito».

ANIMATOGRAFOS

TIVOLI—Avenida da Liberdade.
OLIMPIA—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
CHIADO-TERRASSE—Rua Antonio Maria Cardoso—Domingos e feriados, «matinéas».
CINEMA CONDES—Avenida da Liberdade.
SALÃO CENTRAL—Praça dos Restauradores.

actividade de escritor de teatro para outros géneros de literatura; é Carlos Selvagem, moço e forte temperamento de dramaturgo, que, após o ambiente iniludivelmente desprimoroso criado às suas duas últimas peças, premedita dedicar-se também a diverso género; é Vasco de Mendonça Alves, é... que sei eu! Tantos mais, todos os signatários do amargo manifesto a que Avelino de Almeida, de passagem, se refere. De facto, entre nós, e este é também um dos muitos erros que de longe vêm, a representação primeira de uma peça portuguesa é sempre motivo de prévias maquinações e de antecipada malevolência, vivendo a crítica iguais, incompreensíveis sentimentos de surda hostilidade para com os autores... »

Até à data, apenas foi representado, na corrente época, um novo original portuguez. Foi a «Miragem», de Carlos Selvagem, no Teatro Nacional, que teve uma encenação que honra bastante o elenco artistico daquela casa de espectáculos. A «Miragem», como soe, teve admiradores e censores. A peça é forte, de tese discutível, mas de brilhante factura literária.

Entre outros originaes, de carácter leve, género revista e opereta, muito em voga e agrado do público, anunciam-nos também, de Augusto de Lacerda — o vigoroso autor do *Teatro Futuro*, — uma peça de tese: «Peça da actualidade, diz-nos o autor; não regional porque considero como irrealizável integralmente o regionalismo no teatro, enquanto os nossos artistas não aprenderem as variadas modalidades da linguagem pátria, que tanto diferem de provincia para provincia. «Mas, sendo de actualidade, a acção decorre num meio vago, sem nacionalidade definida, porque a *donnée* se torna generalizadamente humana. Ela dá ensejo — e nisto foi inspirada — a um interessante estudo psicológico, facultando conflitos, que julgo de modo a emocionarem.»

Se não tem sido, é certo, abundante, no corrente ano, a produção dramática, não se pode dizer que as peças que se tem adaptado ou traduzido, para *surprir*, ou antes, *provocar* essa mesma falta, não hajam sido escolhidas com critério.

«O Príncipe João», de Charles Méré, representado no S. Carlos, e onde Samwell Diniz é talvez superior a Brulé (o criador, em Paris, do papel principal) é uma peça esplêndida, que se pode dizer esplendidamente representada. Lucilia à altura do seu papel.

«As Duas Metades», de Zorzi, no Nacional, foi também uma digna sucessora da «Vertigem». E' peça que dispõe bem e que não deixa de ser feliz, pelo tema bastante moralizador que desenvolve, e onde Clemente Pinto e Ester Leão se acentuam dois belos artistas, dentro dum conjunto, que estamos pouco habituados, neste dissimular de valores, encontrar tão perfeito.

No S. Luis, depois da «Canção do Olvido» e a «Montaria», a opereta «Os Gaviões», atrinou-se pelo encanto da música e pela ingenuidade romântica do entrecho. Arte e beleza, emfim.

«Raparigas de hoje», de Armont e Gerblon, no Politcama, é uma curiosa tradução de Avelino de Almeida. Peça em tudo francesa, mas leve sem excessivos exageros, agradável, e onde Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro apresentaram um ótimo trabalho.

Antes de encerrarmos estas ligeiras notas, não queremos ainda deixar de referir-nos a duas brilhantes figuras femininas que nos visitaram, no mês findo: — foi a primorosa recitadora mundial Berta Singerman, que nos deu, no Trindade, algumas noites de pura arte, e a bela *tonadillera*, espanhola, actualmente em «tournée» pelo sul, e que Lisboa tanto admira — «La Goya». — M. M.

VIDA ARTÍSTICA

EXPOSIÇÕES

COM o aparcimento do inverno vão surgindo entre nós as exposições de arte.

Abel Manta, que regressou há pouco de Paris, veio enfileirar na reduzida hoste dos nossos modernistas de valor. As suas paisagens, que expôs no Salão Bobone, têm cores sóbrias, e acusam o valor dos planos sem convencionalismos de escola. Em alguns quadros que representam figuras, — embora a construção destas tenha, por vezes, sensíveis faltas de anatomia e de bom desenho, — transparece um nobre abandono e um grande e delicado sentimento. Isso se vê, e bem, no quadro que teve honras de ser adquirido para um Museu e onde uma expressiva e adorável cabeça de mulher sobressae da tela. «La Servante» e o autorretrato do pintor são fortes, e, como sínteses de colorido, simplesmente admiráveis.



ADRIANO COSTA

A seguir expôs no mesmo salão Augusto do Nascimento, que se revela um paisagista de verdadeiro mérito nos processos honestos da sua técnica e nos assuntos bem portugueses das suas telas, sobre as quais uma espátula manejada por mão previdente e sábia coloca por vezes as tintas com galhardias de mestre. Bastariam os quadros que têm por títulos «Ao cair da tarde» e «Terras detrás da cerca» e que são de séria responsabilidade, para conferirem a Nascimento um justíssimo título de pintor, mas êle ganhou-o também nas pequenas telas «Céu pesado», «Pinheiros solitários», «Tarde suja», «Manhã húmida», e tantas outras de que se compunha a sua formosa exposição.

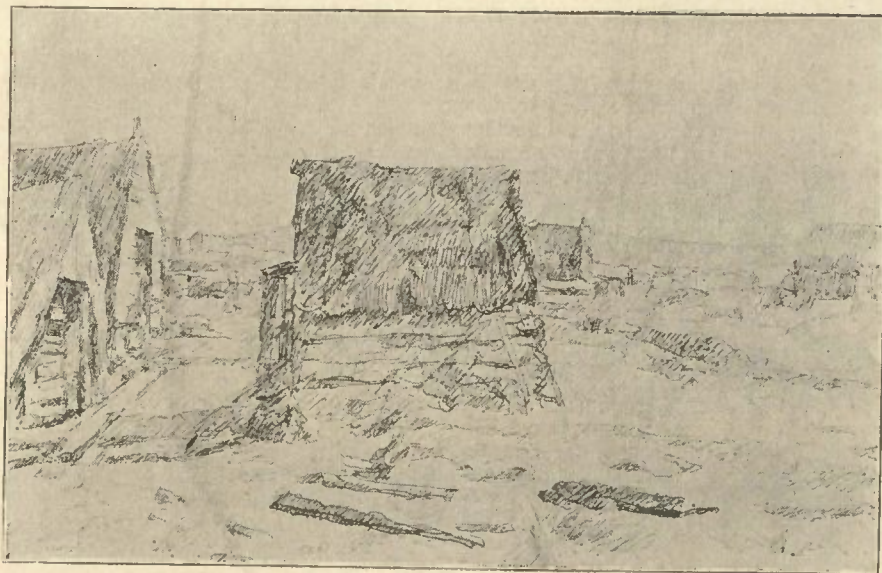
No Salão Bobone expôs também Falcão Trigoso. Discipulo consagrado de Carlos Reis, prefere ás rebeldias artísticas modernas, ou ainda á mancha larga, de síntese — um exame pormenorizado — não mesquinho — da natureza, que êle nem sempre pôde interpretar com acêrto, mas na observação da qual se esforça por ser sincero — e isto é uma qualidade nobre num artista. Pôde discordar-se do modo de pintar de Trigoso, da sua cor, talvez demasiadamente luminosa, em que o *blanc d'argent* tem

um grande predomínio; do seu modo de compôr, nem sempre agradável e feliz, do qual o quadro grande, onde se viam cadeiras de verga colocadas sobre um terraço, dava exemplo flagrante. Mas o que é certo, também, é que o Algarve deve a Falcão Trigoso e a Sainora Barros — outro ilustre artista de diferente individualidade — algumas interessantes páginas pictoriais. O quadro de que reproduzimos um *croquis* desenhado por Trigoso, era um dos melhores da sua exposição, mas inferior, a nosso vêr, á pequena mancha em que o artista tratou o mesmo assunto.

Adriano Costa expôs os seus trabalhos na Sociedade Nacional das Belas Artes. Tem progredido este pintor. Sem espalhafatos de tintas e sem grandes desequilíbrios no arranjo dos casarios, que observa com emoção, vai pouco a pouco, mas com pinceladas firmes, marcando uma individualidade. Castelo de Vide deu-lhe este ano curiosos modelos e luminosidades impressionantes. Do êxito moral da sua exposição falou sobejamente o noticiário artístico. O êxito material pôde verificar-se pelo grande número dos quadros vendidos.

A exposição de Alfredo Keil também realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes, veio mostrar e lembrar a um público vulgarmente ingrato, esquecido das coisas d'arte, que possuímos um pintor, um grande pintor, — infelizmente morto! — e que o real merecimento das obras de arte, nem sempre reside nos quadros de grande tamanho e desmedida composição. Em telas de pequenas dimensões deixou Keil algumas obras primas, Não especializamos trabalhos porque, todos os que têm a assinatura deste artista, in mesmo aquêles que êle deixou apenas esboçados, accusam a garra dum mestre profundamente conhecedor do seu «métier». O acêrto na colocação das tintas; a frescura destas, que as faz viver em perpétua mocidade; o desenho correcto, e também a emoção, a alma, a vida, que ressaltam dos quadros de Alfredo Keil, — quer representem paisagens, marinhas, scenas de interior ou estudos de figuras, mostram e vêm lembrar, repetimos, — um pintor, um grande pintor!

S A A V E D R A M A C H A D O



FALCÃO TRIGOSO. — «Croquis» do quadro «Cabanas do Mar» (Algarve)

VIDA DESPORTIVA

AS CORRIDAS DE CAVALOS NO CAMPO GRANDE

NA passada Primavera, o Jockey Club inaugurou o seu campo de corridas, mesmo antes de estarem completas todas as instalações.

A pressa que esta sociedade teve de dar as suas primeiras corridas, sem que o campo estivesse pronto, bem se justifica pela necessidade de manter sempre bem altas as qualidades do gado cavalariço.

Incontestável como é a benéfica acção das corridas de cavalos no aperfeiçoamento da população hipica, não é menos certo que o seu êxito muito depende do público.

Com uma assistência reduzida, as sociedades de corridas dificilmente poderão ter longa vida, e jámais conseguirão espalhar o gosto pelo cavalo de casta, por esse belo e nobre animal que, no dizer do maior Zootecnista da Península, que foi Bernardo Lima, «simbolisa no vento a velocidade, no sopro divino a intelligencia».

Para que as corridas dêem o resultado que delas deve esperar-se, indispensável é, pois, atrair a este género de divertimento o maior número de pessoas de todas as categorias sociais.

As corridas de cavalos, embora organisadas e dirigidas por nobres e ricos senhores, nunca trarão um palpável beneficio se não forem democratizadas.

Se a produção do aquilatado corseel exige bem recheada bolsa, exige também que o mercado saiba distinguir o melhor do pior, para dar a justa compensação a quem fôr devida.

Por isso mesmo, sendo as corridas o melhor meio de fazer a



UM ASPECTO DA ASSISTENCIA

Lisboa — Dezembro de 1925.

A. MONTEIRO DA COSTA
 Médico veterinário

o o o o

Com muito prazer abrimos as colunas desta página, á colaboração do distinto médico veterinário, Dr. Monteiro da Costa, publicando o artigo que antecede estas palavras. E para que esse artigo encontrasse espaço, nesta página, resumos desta vez as nossas notas sobre sport, á noticia da classificação dos Clubs, no final da primeira volta do Campeonato de Foot-Ball de Lisboa.



BEMFICA—CASA-PIA

No Campo do Restelo: uma defesa de Roquete

o o o o

Belenenses	19	pontos
Sporting	18	»
Bemfica	16	»
Victoria	15	»
Carcavelinhos	14	»
União	12	»
Casa Pia	11	»
Império	7	»

D. DE S

VARIA

ROYAL-PHOTO



ALFREDO GOMES RAPOSO

DEMOS no número passado o retrato de Santos d'Almeida, nosso director photographico de trabalhos de «atelier». Damos hoje o retrato do seu sócio no «Royal-Photo», à R. do Carmo, 55, 3.º, sr. Alfredo Gomes Raposo, considerado commerciante e industrial, sócio também da grande pastelaria «Garrett».

Como foi recebido. no Brazil, o nosso Representante junto do Orfeão

GOMES dos Santos, nosso secretario de redacção, que foi representando a «Alma Nova» junto do orfeão académico de Lisboa, na viagem do mesmo ao Brazil, conquistou ali as maiores simpatias.

Muitos jornais se lhe referiram, e a «Alma Nova», em termos a que não podemos deixar de significar-lhes os mais sinceros agradecimentos.

Gomes dos Santos apresentou as suas despedidas pessoais e as da «Alma Nova» ao grande matutino do Rio, «Correio da Manhã», por intermédio do distinto architecto, estabelecido naquela cidade, sr. J. J. da Cunha, havendo aquele jornal noticiado essa despedida com as seguintes palavras:

«O professor Gomes dos Santos, digamo-lo por nossa vez, deixou no Brazil um sem número de amigos, justamente pelo seu feição affectivo, chelo de ardor e de sinceridade, totnando-se por isso mesmo um fidedigno representante dessa mocidade cheia de vida e de intelligencia que há de ainda constituir o querido Portugal de amanhã.

Registrando as suas despedidas do «Correio da Manhã», nós o fazemos muito apadecidamente, desejando para a «Alma Nova» os mesmos progressos que para nós almeja o seu illustre redactor Gomes dos Santos.»

Mortos illustres

As letras portuguezas e brasileiras acabam de perder, num curtissimo espaço de tempo, alguns dos seus filhos mais illustres. Em Portugal, foram, além do historiador Gama Barros: Artur Lamas, prestimoso investigador; Cândido de Figueiredo, devotado filólogo; Moreira de Almeida, grande jornalista e D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, romancista distintissima e uma das nossas maiores figuras femininas. No Brazil, o illustre publicista brasileiro e grande amigo de Portugal Elysio de Carvalho.

António Dias Branco

A máscara do último Imperador do Brazil, que damos na nossa página de honra, é da autoria d'este distinto artista, que gentilmente no-la ofereceu.

FRAGOZO FERNANDES

ADVOGADO

Questões civis, commerciaes e criminaes

R. DA VITÓRIA, 53, 3.º E.

TELEFONE CENTRAL 957

LISBOA

Litografia MATA

A melhor Oficina do Paiz

TRABALHOS LITOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROSOS MAIS BARATOS POR SEREM
OS MAIS PERFEITOS

Fabrico de Cartas de Jogar

GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho transparente, «couché» e algodão.
Jogos da Gloria, Assalto, Dominó, Loto, etc.
Venda avulsa de rótulos para licores, xaropes, aguardentes, etc.

ESCRITÓRIO CENTRAL

da Madalena, 60 a 70

Telefone 3623 C. LISBOA

FICINAS — Rua do Barão, 2 a 4, á Sé
Telefone 6177 C. (Edifício proprio)

LISBOA

RESSURGIMENTO
EDITORA

Calçada de João do Rio, 8, 1.º

LISBOA

Sangue d'Epopola — Artilharia Portugueza na Flandres, por Mateus Moreno, tenente de Artilharia, 1 vol. il. 4\$00

Na guerra e na paz — SINFONIA MACABRA. id., (3. ed.) 2\$00

Minha Pátria — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição, broch., 3\$00, cada livro . . . 1\$00

Cantigas — (2.ª edição), por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch. . . . 2\$50

Odes de Anacreonte, por Luis Calado Nunes, 2\$50

Campanhas Camilianas, por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1 vol. broch., com il. de Rafael Bordalo 5\$00

«Alma Nova» vol. I, II e III da 3.ª série, cada, enc. 25\$00, broch. 15\$00

O Inovorosmil — Conferencia Proibida, original do insigne escritor e moralista Lorde Pechincha de Nadavale 2\$00

A Educação Moral — Pelos exercicios de redacção, (com a metodologia d'este ensino), por José Guericcio Maria, prof. effectivo dos liceus, recomendado pelo D. do G. 4\$00

Da Verdade, por João Jose Gomes 2\$50

Eça de Queiroz — Revelado por uma illustre senhora de sua familia» (D. C. d'Eça de Melo). . . . 3\$00

Contos para crianças, por D. Branca Lopes Martins, com illustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus—Porto). 8\$00

A Entrevista, por Cruz Magalhães, 1 op. ils. 1\$00

A PUBLICAR:

Como se aprende a redigir — Dr. José Guerreiro Murtá.

A Nova Guerra e a Artilharia — Mat. Moreno. Ed. «Renascença.»

DIREITO PORTUGUÊS

E

BRASILEIRO

M. Gomes dos Santos

ADVOGADO

Com Procuradoria
no Brasil

R. DA VITÓRIA, 53, 3.º

TELEFONE CENTRAL 3156

LISBOA

OS GLOBULOS
HOMOEOPATICOS

DO

Dr. HUMPHREY

Os remedios caseiros ou de familia não tem rival, são de facil applicação, não causam dano e todo o mundo conhece a sua **eficacia** excepcional.

- | | | |
|----|------|---|
| 1 | Cura | as congestões, inflamações. |
| 2 | » | molestias causadas por lombrigas. |
| 3 | » | colica, molestia das crianças, den-
tição. |
| 4 | » | diarreja em crianças e adultos. |
| 5 | » | desinteria, colica biliçosa. |
| 6 | » | cólera, cólera-morbus, Vômitos. |
| 7 | » | tosse, resfriados, bronquites. |
| 8 | » | dôr de dentes, dores neuralgicas. |
| 9 | » | dôr de cabeça, vertigens. |
| 10 | » | dispepsia, indigestão. |
| 11 | » | menstruação escassa ou dolorosa. |
| 12 | » | leucorréa ou menstruação profusa. |
| 13 | » | croup, tosse rouca, laringite. |
| 14 | » | herpes, erupções, erisipela. |
| 15 | » | reumatismo ou dores reumaticas. |
| 16 | » | febres paludosas, sezões. |
| 17 | » | hemorroides. |
| 18 | » | oftalmia, olhos fracos ou infla-
mados. |
| 19 | » | catarro, influenza, defluxs. |
| 20 | » | coqueluche ou tosse convulsa. |
| 21 | » | asma, respirar difficil, oprimido. |
| 22 | » | supuração dos ouvidos, dôr de ou-
vidos. |
| 23 | » | escrófula, inchações e ulceras. |
| 24 | » | debilidade geral, fraqueza fisica. |
| 25 | » | hedropsia, accumulações fluidas. |
| 26 | » | enjôo do mar, nauseas, vômitos. |
| 27 | » | molestias dos rins, calculos renais. |
| 28 | » | debilidade nervosa, fraqueza vital |
| 29 | » | doenças da boca, aftas. |
| 30 | » | molestias urinarias, bexiga. |
| 31 | » | menstruação dolorosa, prurite. |
| 32 | » | molestias do coração, palpações. |
| 33 | » | epilepsia, baile de S. Vito. |
| 34 | » | mai de garganta, ulceração da
garganta. |
| 35 | » | congestões crónicas, dôr de ca-
beça |
| 36 | » | gripe e constipações, durante o
verão. |

Venda em todas as Farmacias

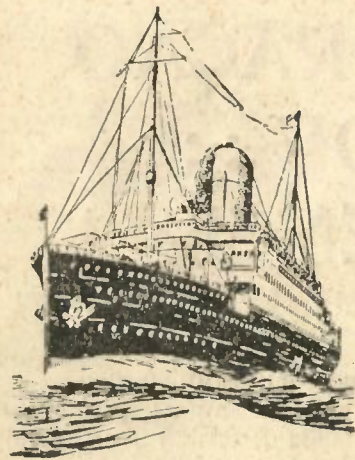
DEPOSITARIO EM PORTUGAL:

Ribeiro da Costa & C.^a

150, Rua do Arsenal, 152

LISBOA

Que distribuem ou enviam gratis a quem os requisitar os folhetos illustrativos para uso destes remedios.



Mala Real Inglesa

Paquetes a saír de Lisboa

O

Para Rio, Santos e B.-Ayres:

DESNA,—em 17 de Dezembro
DEMÉRARA,—em 14 de Janeiro
DARRO,—em 27 de Janeiro

Para Madeira, Bahia, Rio, Santos,
Montevideu e B.-Ayres:

ARLANZA,—em 18 de Janeiro

Para os mesmos portos e Pernambuco:
AVON,—em 29 de Janeiro

LIVROS E PUBLICAÇÕES

◻ ◻ ◻ A APARECER ◻ ◻ ◻

Livraria Portugalia — *Três Tumulos* (Crítica de Arte), por Virgílio Corrêa; *A tumultuação definitiva de Camilo*, por Custodio José Vieira; *Um volume sobre Espiritismo*, por M.me Lecombe e *Um romance*, por Antonio Eça de Queiroz.

Casa Ventura Abrantes — A arrojada editora do grande *In-Memortam de Camilo*, comemorativo do Centenário do Mestre, tem para breve a 2.^a edição do livro do tenente Jorge Botelho de Moniz: «*O 18 de Abril*»; o 11.^o milhar do *Veneno?*, de João Coelho; *Escrituração seni mestre*, de Ricardo de Sá, e um novo volume da *Colecção de Aventuras e Viagens: Os francos Atiradores*.

Empresa Literária Fluminense, Lda. — Acaba de publicar: *Sob a cinza do Tédio*, de Fedelino de Figueiredo, e *Páginas Escolhidas*, de Latino, volume este comemorativo do centenário do glorioso escritor, em 29 último, e publicará:

Da Estrela Polar ao Cinzeiro do Sul, por Albino Forjaz de Sampaio;

Mariastilha em Africa, por D. Fernando Ferro; e as reedições:

Historia Côr-de-Rosa, de Rainhalho Ortigão, e

As Farpas, do mesmo e Eça de Queiroz

ALIANÇA COMERCIAL VIDREIRA, LIMITADA

TELEFONE NORTE 4215

SEDE, ESCRITÓRIO E ARMAZEM DE VENDAS

29-1.º, Calçada do Garcia, 31 e 31-A (ao Rossio)

LISBOA

Louças, vidros e esmaltes

O

Artigos de zinco e ferro esmaltado: — Alguldares, baldes, tinas, gasómetros, etc..

Ferragens: — Camas, lavatórios, talleres, etc..
Artigos de iluminação: — Candelros, bocais, torcidas, e mais pertences.

Garrações: — empalhados de 1 a 30 litros de capacidade.

Metais: — brancos, niquelados, latões, tais como: candelros, palmatórias, bandejas, lâmpadas para álcool, etc.

Artigos de fantasia: — apropriados para brindes: candelros, em separado e em serviço, jarras, garrafas, copos, estojos e outros objectos.

PREÇOS: Sempre aos melhores do mercado

Importações directas

Exportações para todo o continente e lhas

PUBLICAÇÕES
BRASILEIRAS
À VENDA
NESTA
ADMINISTRAÇÃO

Vida Domestica

Importante, luxuosa
ilustração mensal,
do **Lar** e da **Mulher**

DIRECTOR:

Jesus Gonçalves Fidalgo

GERENTE:

Frederico Jarque

REDACTOR-SECRETARIO:

Renato Travassos

RIO DE JANEIRO

DA GRANDE EMPREZA SOCIEDADE ANONYMA

«O MALHO»

GERENTE: **Léo Osorio**

Ilustração Brasileira

Magnifica illustração mensal; quatro tricomias em cada numero, soberba colaboração

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Moreyra e J. Carlos

LEITURA PARA TODOS

Linda revista mensal ilustrada

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**

PARA TODOS

Bela revista semanal ilustrada

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Moreyra e Mario Behring

O MALHO

Interessantissima revista semanal, a mais popular e antiga do Brazil

REDACTOR-CHEFE: **José Lopes dos Reis**

TICO-TICO

A querida revista das creanças brasileiras

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**

RIO DE JANEIRO

AOS
PREÇOS
DO
NOSSO
MERCADO

Frou=Frou

Elegante e original
magazine de luxo

DIRECTOR:

Manuel Santos

PROPRIETÁRIOS:

Santos & C.^a

RIO

DE

JANEIRO

Folha da Manhã e Folha da Noite

SCINTILANTES JORNAES DIARIOS DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO

Director: **OLIVAL COSTA**

TERRA E MAR

QUIZENAL, EXPLENDIDA REVISTA DE DESPORTOS, DA MESMA CAPITAL

Directores: **Taciano de Oliveira, Carlos de Campos Sobrinho e Byington Junior**

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO ::: E CONTABILIDADE ::: POR CORRESPONDÊNCIA

NO ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matriculas. No ano seguinte o número de alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, devendo êste a maioria das matriculas que se vão registando diáriamente á propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtórno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vês maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matricula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interêsse, depreciam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepujou as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matricula nos cursos de Escrituração e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional—Largo Trindade Coelho, 6—LISBOA

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para êsse fim o Instituto montou agora na sua séde.

**SEGURAI AS VOSSAS VIDAS, OS VOSSOS HAVERES E OS VOSSOS EMPREGADOS
na "ALIANÇA SEGURADORA"
RUA DA ASSUNÇÃO, 42 — LISBOA**

FABRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA TOJAL

Guilherme Graham Junior & C.^a

Especialidade em papeis de escrita, impressão de diversas qualidades, imitação de couché, cartazes, embrulhos finos e grossos, qualidade extra. Em existencia e por encomenda.

FORNECEM-SE AMOSTRAS

DEPOSITOS

152, Rua da Alfandega, 156

LISBOA

TELEFONES

C. 4180 — 4181 — 4182

Lloyd Brasileiro



Linha do Sul do Brasil

Para **PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO e SANTOS.**

BAGÉ

esperado em 28 do corrente

Linha do Norte da Europa

Para **HAVRE, ANVERS, ROTTERDAM e HAMBURGO.**

O paquete

POCONÉ

esperado em 21 do corrente

Linha de Inglaterra

Para **LEIXÕES, HAVRE, LIVERPOOL e SWANSEA.**

O vapor

IGUASSÚ

esperado em 22 do corrente.

Para passageiros e carga, tratar com

Pinto & Souto Mayor, Limitada

Rua do Alecrim, 20

Telefones 652 e 1616 Central

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL - NORTE - 3538

ROYAL - PHOTO

ATELIER D'ARTE PHOTOGRAFICA
SANTOS & RAPOZO, L^{DA}
RUA DO CARMO, 55, 1.^o (AO CHIADO)
LISBOA - PORTUGAL
o o GRAND PRIX o o
EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO
o RIO DE JANEIRO o
1 9 2 3

MALA REAL HOLANDESA

Vapores a sair

Para America do Sul, Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Aires.

A 10 de Janeiro

FLANDRIA

REGRESSO

Para Vigo, Cherbourg, Soutampton e Amsterdam.

A 29 de Dezembro

GELRIA

Agentea gerais em Portugal

DREY, ANTUNES & C.^a, LIMITADA

P. do Duque da Terceira, 4

LISBOA

GOUVEIA & SANTOS

EXPORTADORES DE

Sardinhas em Conserva

Rua d'Assumpção, 42, 2.^o

Tele. N. 5396

LISBOA-PORTUGAL

MARCAS MUNDIAES

"Friandise" e "La Conquête"

ALMA NOVA

NOVIDADE LITERARIA

CARTAS DE AMOR
DA

SÓROR MARIANA

AO CAVALHEIRO DE CHAMILLY

TRADUÇÃO DE LUCIANO CORDEIRO

ILUSTRAÇÕES DE ALBERTO SOVZA



LISBOA.

LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^a
186, RUA AVREA, 188.

EDIÇÃO ARTÍSTICA E ILUSTRADA COM 4 TRICROMIAS --
NÍTIDA IMPRESSÃO E MAGNÍFICO PAPEL

BROCHADO 20\$00